



Francisca Valeria Martins Cunha

“Fico imaginando quando vou ser livre de novo”: a narrativa das crianças sobre o contexto de pandemia

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, do Departamento de Educação da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a. Maria Cristina Monteiro Pereira de Carvalho

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2021



Francisca Valeria Martins Cunha

“Fico imaginando quando vou ser livre de novo”: a narrativa das crianças sobre o contexto de pandemia

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Maria Cristina Monteiro Pereira de Carvalho
Orientadora
Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof^a. Alexandra Coelho Pena
Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof^a. Ana Maria dos Santos
UFAL

Prof^a. Monah Winograd
Coordenadora Setorial do Centro
de Teologia e Ciências Humanas
PUC-Rio
Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 2021.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Francisca Valeria Martins Cunha

Graduada em Pedagogia (2019) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Integra o Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GEPEMCI) do Departamento de Educação da PUC-Rio. Atualmente é professora substituta do Setor de Educação Infantil do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Cunha, Francisca Valeria Martins

“Fico imaginando quando vou ser livre de novo” : a narrativa das crianças sobre o contexto de pandemia / Francisca Valeria Martins Cunha ; orientadora: Maria Cristina Monteiro Pereira de Carvalho. – 2021.

106 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2021.

CDD: 370

Às crianças, que são protagonistas deste estudo e a tantas outras que me inspiram a sonhar e acreditar em um mundo melhor.

À minha mãe, Maria Eliane, e ao meu pai, Manoel Mescias, que são a minha maior força.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À Capes, pelo apoio financeiro, sem os quais este estudo não poderia ter sido realizado.

À Cristina Carvalho, minha querida orientadora. Agradeço pelo seu bom humor e alegria mesmo em situações muito adversas. Por ter orientado a construção deste trabalho, sempre tão presente e com entusiasmo. Agradeço principalmente pela relação de cuidado e respeito que construímos ao longo dos anos.

Às integrantes da banca avaliadora, Alexandra Pena e Ana Maria, grata por aceitarem o convite e contribuírem com o olhar atento para esta pesquisa.

Aos professores do Departamento de Educação da PUC-Rio por terem me formado pedagoga e mestra em educação. Agradeço em especial ao professor Marcelo Andrade (em memória).

Aos funcionários da PUC-Rio que mantêm de pé a universidade. Agradeço aos funcionários do departamento de educação, sempre solícitos e atenciosos.

À Paula Costa por ter incentivado a minha inscrição no mestrado em educação. Agradeço pela amizade fiel e garra na jornada enquanto mestrandas em educação.

À Erica Nascimento pela amizade tão presente que foi mantida por meio de mensagens e ligações pelo celular na pandemia. Agradeço pelo afeto e pelas comidinhas *delivery*.

À Ana Luiza por compartilhar do meu entusiasmo em escutar as crianças e pelos lanches no meio das aulas. Agradeço pela amizade crítica e por mostrar que a pós-graduação se torna menos árdua com afeto.

À Natália Rebouças pelas aulas de inglês e trocas nos corredores da PUC-Rio.

À Gabriela Campolina, pela ajuda no resumo em inglês, leitura atenta do texto e disponibilidade em ajudar com a pesquisa.

À Letícia Diniz pela torcida e por acreditar no potencial deste estudo.

Aos colegas que contribuíram com a rede de contatos, Anamaria Kyrillos, Luisa Andries e Caio Marcellus.

Ao Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GPEMCI), nossas tardes de terça são uma alegria. Agradeço em especial Caroline Maciel, Dayane dos Santos, Cristiane Nascimento, Isabel Mendes, Monique Gewerc, Perola Domingues, Patrícia Regina, Vitor Carvalho e outras já citadas.

Às minhas amigas, Amanda Izaias, Izabelle Giannini, Kettly Costa e Larissa Vieira com quem posso sempre contar.

Ao George Lucas, pelo companheirismo e paciência na reta final de escrita do texto.

À minha madrinha, Helena Martins e meu padrinho, Pedro Paulo, que mesmo compreendendo pouco porque estou a tantos anos na universidade compartilham sempre amor, cuidado e incentivo a mim.

Ao meu irmão, João Gabriel, por ser o meu parceiro de vida e respeitar os pedidos de silêncio em momento de escrita.

Ao meu pai, Manoel Mescias, e à minha mãe, Maria Eliane, pelo esforço dedicado para que eu pudesse me dedicar aos estudos. A conquista da pós-graduação é nossa!

Às mães que consentiram e que não consentiram a participação das crianças. Agradeço pela escuta sobre o estudo e parceria que foi construída mesmo com dias tão turbulentos do distanciamento social.

Às crianças, pelo entusiasmo, engajamento e comprometimento com a pesquisa. Agradeço principalmente pela relação de afeto e respeito que construímos durante o trabalho de campo.

Resumo

Martins, Valeria; Carvalho, Cristina (orientadora). **“Fico imaginando quando vou ser livre de novo”**: a narrativa das crianças sobre o contexto de pandemia. Rio de Janeiro, 2021. 106p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente dissertação tem como objetivo conhecer o que dizem crianças de 7-10 anos sobre o contexto de pandemia do novo coronavírus. A COVID-19 que assolou o Brasil e o mundo no ano de 2020 exigiu um distanciamento social em busca da contenção do vírus, e a reinventar formas de estudar, brincar, experimentar o mundo e (sobre)viver. A partir dos desafios impostos, quais são as impressões das crianças sobre o distanciamento social? Seria possível realizar pesquisa *com* criança por meio de plataformas virtuais? Com a fundamentação teórica nos campos da etnografia virtual (Junior e Mercado) e de estudos da infância (Corsaro, Ferreira e Sarmento), foi construída uma metodologia de pesquisa *com* criança mediada por plataformas virtuais. A pesquisa contou com participação de oito crianças moradoras da cidade do Rio de Janeiro que produziram dados nos meses de junho e julho de 2020, período que o distanciamento social foi uma obrigatoriedade na cidade. Foram elaboradas sete atividades para aproximar-se das crianças, resultando em 30 fotografias da vida antes e durante a pandemia, 8 desenhos e 23 vídeogravações de vivências durante o distanciamento social. Com base nas narrativas infantis, em diálogo com o referencial teórico, foi constatado que é possível realizar pesquisa *com* criança mediada por tela. A partir da relação estabelecida, verificou-se a busca por compreender o vírus, a preocupação com o contexto pandêmico, as brincadeiras possíveis, assim como a falta de brincadeiras, e os relatos de saudade – de pessoas, lugares e da liberdade - como pontos mais destacados pelas crianças.

Palavras-chave

Pesquisa com criança; Narrativas infantis; Plataformas virtuais; Pandemia;

Abstract

Martins, Valeria; Carvalho, Cristina (Advisor). **“I wonder when I will be free again”: children’s narrative about the pandemic context.** Rio de Janeiro, 2021. 106p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present dissertation seeks to find what children of 7-10 years old have to say about the present context of the new coronavirus. In order to contain the virus that plagued Brazil and the world in 2020, social distancing measures were demanded, as well as reinventing ways of studying, playing, experiencing the world and surviving. What are the children's impressions of social distancing? Would it be possible to conduct research *with* children using only virtual platforms? With a theoretical basis in the fields of virtual ethnography (Junior and Mercado) and childhood studies (Corsaro, Ferreira and Sarmiento), a research methodology *with* children mediated by virtual platforms was built. The survey consisted of eight children living in the city of Rio de Janeiro, who produced data in the months of June and July 2020, a period in which social distancing was mandatory in the city. Seven activities were designed to raise awareness amongst children, resulting in 30 photographs of life before and during the pandemic, 8 drawings and 23 video recordings of experiences during social distancing. Based on the children's narratives, in dialogue with the theoretical framework, it was found that it is possible to conduct research *with* a child mediated by screen. From the established relationship, there was a search to understand the virus, the concerns about the context of a pandemic, possible games, as well as the lack of thereof, and reports of homesickness - of people, places and freedom - as points that were most highlighted by the children.

Keywords

Research with child; Children's narratives; Virtual platforms; Pandemic.

Sumário

Introdução	14
1 No meio do caminho tinha um vírus: o COVID-19 e os desdobramentos da vida e da pesquisa no contexto de pandemia	19
1.1 “ <i>Coronavírus parece uma fruta</i> ”	20
1.2 Sobre(viver) o contexto de pandemia: entre problemas velhos e problema novo	24
1.3 A experiência da pandemia e a pandemia como experiência	27
1.4 A pesquisa em ciências humanas no contexto de pandemia	30
2 Olhares sobre as crianças e as infâncias	33
2.1 Algumas concepções de crianças e infâncias ao longo da história	33
2.2 As crianças e a relação com o meio social: contribuições da psicologia histórico-cultural	36
2.2.1 A atividade de brincar e o desenvolvimento	37
2.2.2 Imaginação e criação	39
2.3 As crianças como sujeitos que produzem cultura: contribuições da sociologia da infância	42
2.3.1 Reprodução interpretativa e cultura de pares	43
2.3.2 Interatividade, ludicidade, fantasia do real e reiteração	45
3 Entrelaçando os temas da pesquisa: pandemia e infância	47
3.1 Infância e pandemia: Levantamento Bibliográfico	47
3.2 A etnografia virtual como caminho	52
3.3 A pesquisa e o percurso metodológico	54
3.4 Perspectiva ética na pesquisa virtual com criança: questões emergentes	59
4 A narrativa das crianças sobre a pandemia	63
4.1 As crianças investigadas	64
4.2 O encontro – por tela – com as crianças	66
4.2.1 “ <i>Eu não quis fazer nada que você falou</i> ”: caminhando juntos na metodologia	70

4.2.2 “ <i>Eu quero saber o nome do seu cachorro</i> ”: tornar-se uma adulta atípica	73
4.3 O que dizem as crianças sobre a experiência de viver a pandemia	74
4.3.1 “ <i>Mãe, você sabe que sou paranoica, me explica o que é o coronavírus</i> ”: em busca de interpretar o contexto	75
4.3.2 “ <i>Tá tudo bem pra mim, só que às vezes eu fico preocupado</i> ”: alguns sentimentos do distanciamento social	76
4.3.3 “ <i>Cansada de ficar imaginando com o que brincar, já brincamos de tudo</i> ”: o emparedamento em casa	79
4.3.4 E a escola? “ <i>Pelo computador eu tô tendo aula</i> ”	85
4.3.5 “ <i>Eu tô com saudades da vovó</i> ”	89
4.3.6 Como o coronavírus vai acabar? “ <i>Vacina</i> ”	90
Considerações finais	93
Referências bibliográficas	97
Anexos	102

Lista de quadros, gráfico, figuras e imagens

Quadro 1 - Levantamento Bibliográfico	48
Quadro 2 – Etapas de sensibilização com as crianças	58
Gráfico 1 - Gráfico de óbitos da COVID-19 no Brasil	23
Figura 1 - As crianças acionadas para produção de dados da pesquisa	66
Imagem 1 - Obra de Lorenzo Saa	21
Imagem 2 - Obra de Lorenzo Saa	21
Imagem 3 - Brincando de vivo ou morto pelo <i>Zoom</i>	67
Imagem 4 - Pedrinho apontando para o desenho de <i>emoji</i> e contando como se sente	69
Imagem 5 - Desenho da carinha de Messi	72
Imagem 6 e 7 – Patins e desenhos dos patins da Daysi	73
Imagem 8 – Desenho do <i>emoji</i> do Bobby	77
Imagem 9 - Desenho do <i>emoji</i> do Pedrinho	77
Imagem 10 - Desenho de <i>emoji</i> com máscara da Daysi	79
Imagem 11 - Desenho das brincadeiras da Daysi	80
Imagem 12 e 13 - Desenhos dos gêmeos Bobby e Pedrinho	81
Imagem 14 e 15 - Rodrigo jogando bola e Rodrigo jogando <i>videogame</i> em casa	82
Imagem 16 - Tales jogando pelo computador	83
Imagem 17 - Pedrinho jogando pelo computador	83
Imagem 18 – Bobby e Pedrinho na praia	85
Imagem 19 - Ana andando de bicicleta	85
Imagem 20 - Pedrinho na escola	88

Siglas

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

DhId – Laboratório de Humanidades Digitais

EaD – Educação à Distância

EDUCON – Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade

ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino

GEPEMCI – Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância

IC – Iniciação Científica

IRI – Instituto de Relações Internacionais

IML – Instituto Médico Legal

LabMet - Laboratório de Metodologia do Instituto de Relações Internacionais

OMS – Organização Mundial da Saúde

PUC/Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIFIO – Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos

31 de dezembro de 2019 – Registro de primeiro caso de covid-19 na China
7 de fevereiro de 2020 – Sancionada Lei de Quarentena no Brasil
26 de fevereiro de 2020– Primeiro caso de covid-19 registrado no Brasil
12 de março de 2020 – Primeira morte registrada no Brasil
20 de março de 2020– Bolsonaro chama covid-19 de “gripezinha”
10 de abril de 2020– 1.000 mortes pela doença no Brasil
13 de novembro de 2020- Bolsonaro chama segunda onda de 'conversinha'
14 de novembro de 2020 - Mais de 1,3 milhão de mortos no mundo
11 de dezembro de 2020- 180.437 mortes pela doença no Brasil

Solange Santos & Marina Saraiva (2020)

Introdução

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
A vida não para
(...)
Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
(...)
Será que é tempo que lhe falta pra perceber
Será que temos esse tempo pra perder
E quem quer saber
A vida é tão rara, tão rara
Lenine

No ano de 2020, a tragédia sanitária causada pelo novo coronavírus assolou o Brasil e o mundo. A pandemia causada pelo Sars-CoV-2, mais conhecido como COVID-19, retirou milhares de vidas no globo terrestre. Em busca de conter a propagação do vírus, as medidas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) foram a lavagem de mãos, o uso de álcool em gel e o distanciamento social. Com a necessidade de distanciar-se socialmente foi preciso que instituições educativas, culturais e financeiras fechassem as portas. As ruas principais de algumas cidades também foram interditadas, em um período de tempo mais curto. Em diversas cidades do mundo as pessoas ficaram em casa, saindo apenas para atividades essenciais, como alimentação e saúde.

Em respeito à ciência, às recomendações da OMS e principalmente em respeito à vida, foi preciso ajustar, repensar e reelaborar as formas de trabalhar, estudar e se relacionar, bem como projetos de pesquisa que viriam a ser desenvolvidos. Novos hábitos e maneiras de viver - ou sobreviver – foram necessários. Ao tecer aproximações entre o contexto de pandemia e a canção *Paciência* de Lenine, é possível identificar semelhanças entre a vida e a arte. A canção do artista pernambucano fala sobre paciência em meio à espera da cura do mal, sobre a necessidade de calma para o corpo em meio à loucura e sobre a raridade da vida. O ano de 2020 exigiu muita paciência, mesmo quando uma doença que interrompe vidas e modos de viver, mesmo com um contexto que exige calma, alma e paciência para se compreender o momento, *a vida não para..* Assim como a realização deste trabalho não pôde parar. A vida não pôde parar em 2020, mas a raridade da vida ficou evidente neste ano.

Inicialmente a presente dissertação seria um trabalho sobre crianças, museus e fotografias. O objetivo principal era conhecer a narrativa das crianças em espaços de educação não formal, em que seriam convidadas a fotografar três museus da cidade do Rio de Janeiro (contemplando três tipologias de museu, Arte, Ciências e História). Foi realizado um estudo piloto em março de 2020, antes do decreto de fechamento de museus e outros estabelecimentos da cidade do Rio de Janeiro. Em meio ao contexto de pandemia foi preciso primeiramente paciência. Após o primeiro mês isolada em casa (março de 2020) e com as atividades acadêmicas transferidas para o modo remoto, percebi que o cenário não se modificaria nos meses seguintes. Em atenção ao contexto foi preciso revisitar o projeto inicial e repensar a construção do objeto de pesquisa. O que eu, Pedagoga e estudante de mestrado em educação, vivendo uma pandemia, queria e precisava investigar?

Anteriormente ao contexto de pandemia, ainda na graduação em Pedagogia alguns aspectos foram fundamentais para traçar o objeto de pesquisa da presente dissertação. O meu ingresso no Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GPEMCI) no ano de 2017 foi um marco na minha trajetória acadêmica e pessoal. As reflexões sobre a potencialidade das instituições culturais na formação cultural e humana dos indivíduos, especialmente das crianças, proporcionou amadurecimento do meu olhar em relação à pesquisa científica. A entrada no GPEMCI foi um encontro com a temática das crianças em espaços culturais, com a pesquisa científica e com sonhos pessoais. Durante os dois anos enquanto bolsista de Iniciação Científica (IC) tive a oportunidade de acompanhar a elaboração de teses e dissertações, entendendo o funcionamento que antes não me era conhecido. A partir do grupo pude então sonhar com a pós-graduação, uma realidade distante até então. O GPEMCI representa um encontro com a pesquisa e com a possibilidade de sonhar e realizar sonhos.

Outro marco na minha trajetória foi o contato com pesquisas *com* crianças. O primeiro encontro se deu com a dissertação de Castro (2015), intitulada *Espaços, práticas e interações na Educação Infantil: o que dizem as crianças*, que trouxe uma mudança paradigmática no meu olhar para a produção da pesquisa científica. A autora teve como objetivo principal conhecer o que as crianças falam e fazem dos/nos espaços de uma instituição de Educação Infantil da cidade do Rio de Janeiro. Utilizando-se da fotografia como instrumento metodológico, a

pesquisa caminha a partir do que dizem as crianças. Para além do GEPEMCI e do trabalho de Castro (2015), o encontro com as próprias crianças por meio dos estágios em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental I durante a graduação em Pedagogia suscitaram o interesse por esta nova perspectiva de pesquisa, oferecendo a escuta aos meninos e meninas.

No momento atual, de contexto de pandemia, a presença das crianças nas redes sociais (*facebook* e *instagram*) é corriqueira. Mães, pais, familiares e as próprias crianças, de modo geral, gravam pequenos vídeos das crianças como protagonistas que se propagam rapidamente nas redes. Em alguns momentos é possível detectar vídeos que colocam as crianças em situações constrangedoras, pouco respeitando suas individualidades. Em contraponto, também é possível verificar as crianças de uma forma espontânea. Destaco o vídeo de uma atriz, Flavia Rubim, que filmou um de seus filhos, Antônio, de 2 anos, cuspidando na mão. Neste momento, a atriz pergunta “*o que é isso, filho?*” e o menino responde “*é álcool gel, mamãe*”. A pequena vídeogravação foi publicada nos *stories*¹ do *instagram* pessoal da atriz. O álcool em gel é um dos mecanismos de defesa contra o coronavírus encontrados até o momento. Assistir uma criança de 2 anos reinterpretando a utilização do álcool em gel sugere que as crianças estão se apropriando do contexto de pandemia. As crianças, mesmo as recém chegadas ao mundo, já estavam compreendendo e se apropriando do contexto que para os mais velhos era novo e diferente.

Outras gravações publicadas nas redes sociais também apresentaram as crianças se apropriando da vida com o novo coronavírus. A vídeogravação de Vinícius, de 12 anos, viralizou nas redes sociais. O menino, baiano, interpreta uma ligação para o coronavírus e pede que o vírus “se saia” do Brasil “*Alô. É a coronavírus? Não, não passa pra ninguém não, eu que quero falar com você boca de 09. (...) coronavírus só vou te pedir uma coisa só, se saia, se saia do Brasil, se saia (...)*”. O menino explica para o vírus como ele está atrapalhando a vida das pessoas e a sua própria vida. O vídeo possui mais de 1 milhão de visualizações no *instagram* de Vinícius².

¹ O *stories* é uma função do aplicativo *instagram*, onde o usuário publica fotos e vídeos rápidos, que saem do ar em 24 horas.

² Disponível em: <https://www.instagram.com/vini_do_0800/>. Acesso em: 20 de jan. de 2020.

A partir de uma curiosidade por adentrar no mundo infantil, do interesse inicial durante o ingresso no mestrado de ouvir as crianças e do contexto pandêmico instaurado em 2020, foi traçado como objeto de pesquisa a perspectiva das crianças de 7-10 anos sobre o contexto de pandemia do COVID-19. Outros aspectos foram levados em consideração durante a definição do objeto de pesquisa: a responsabilidade com o campo de estudo da Educação, o comprometimento com as questões da infância e as possíveis contribuições do trabalho para o campo da Educação e dos estudos da criança.

Os questionamentos iniciais sobre o contexto e sobre as crianças foram muitos: Quais as impressões das crianças sobre o distanciamento social? Como as crianças estão se sentindo vivendo o distanciamento social? O que crianças fazem em casa durante a pandemia? As crianças brincam e fazem atividades escolares? As crianças estão tendo, em casa, momentos de diálogo e explicação sobre o contexto pandêmico? Como as crianças se adaptaram à nova realidade? Como as crianças têm vivido os dias de distanciamento social?

O objetivo principal é conhecer o que dizem crianças de 7-10 anos sobre o contexto de pandemia e a experiência de viver o distanciamento social provocado pelo coronavírus. Buscando registrar o que crianças de 7-10 anos têm a dizer sobre viver o distanciamento social, foram traçados os objetivos específicos:

- Produzir vídeogravação, desenhos, fotografias e algum outro material que as crianças desejassem, por meio de plataformas virtuais *com* as crianças;
- Mapear testemunhos das crianças sobre o contexto de pandemia;

O objeto de pesquisa e os objetivos estavam traçados, mas como realizar uma pesquisa *com* crianças à distância? As pesquisas realizadas *com* crianças apontam a necessidade de maior aproximação, visando desenvolver pesquisa *com* e não *sobre* crianças. No entanto, em contexto de distanciamento social, como seria possível conhecer o ponto de vista das crianças? Seria possível realizar um estudo *com* criança sem estar em contato físico com ela? Responder estas perguntas perpassou todo o processo de elaboração da dissertação e inseriu um desafio: elaborar uma metodologia que alcançasse os meninos e meninas, garantindo a segurança de todos.

A escolha por crianças de 7 a 10 anos se deu por esta faixa etária possuir a linguagem verbal mais desenvolvida. Saliento que na pesquisa *com* criança é mais favorável valorizar outras linguagens, no entanto, em contexto que só seria

possível realizar contato à distância e se comunicar via recursos digitais, a linguagem verbal foi mais valorizada.

A construção de uma metodologia que alcançasse as crianças no formato digital e à distância foi um desafio. Os limites e possibilidades dos recursos digitais são uma realidade e o contexto também sugeriu a preocupação de não sobrecarregar nem as crianças e nem as famílias, pois o momento pedia delicadeza, paciência e respeito ao que se estava vivendo. Deste modo, destaco o presente trabalho como um trabalho de luto, mas também de luta pela preservação da vida. As estratégias metodológicas foram a “bola de neve”, em que as redes de contato pessoal indicaram pessoas para participar da pesquisa e a construção de uma metodologia com criança mediada por plataformas virtuais.

O percurso da dissertação perpassa a minha experiência individual de viver o contexto de pandemia e um recorte narrado da experiência de 8 crianças. O primeiro capítulo contextualiza alguns desdobramentos da vida com o vírus na cidade do Rio de Janeiro e traz a contribuição de Walter Benjamin a partir dos conceitos de experiência e narrativa. O segundo capítulo apresenta os olhares sobre a infância e as crianças a partir dos principais teóricos escolhidos para olhar o campo empírico - a psicologia histórico-cultural de Vigotski e a sociologia da infância abordada por Corsaro, Ferreira e Sarmiento. O capítulo três explicita uma busca de aproximar os temas da pesquisa – infância e pandemia - com o levantamento bibliográfico sobre infância e pandemia, a bibliografia sobre etnografia virtual e a metodologia construída para a produção de dados com as crianças. O capítulo quatro focaliza as narrativas das crianças sobre o contexto de pandemia. Por fim, as considerações finais trazem reflexões suscitadas da presente dissertação para pensar a pandemia, as crianças e o as plataformas virtuais enquanto mediadoras da metodologia de pesquisa construída.

1

No meio do caminho tinha um vírus: o COVID-19 e os desdobramentos da vida e da pesquisa no contexto de pandemia

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade (2013, p.36)

Pedra, pedra de gelo, pedra preciosa, pedra de rocha ou mineral, há muitas possibilidades de interpretar a pedra escrita pelo poeta mineiro. A pedra no poema de Drummond marcou a vida do sujeito, como um problema encontrado ou como um acontecimento marcante. Interpretando a pedra como o que atrapalha, que é inesquecível, que cansa as retinas fatigadas e que estava no meio do caminho, é possível substituir a pedra pelo vírus. No meio do caminho tinha um vírus, tinha um vírus no meio do caminho. Para além de estar no caminho, o vírus, assim como a pedra, se repete na vida, na morte e neste estudo.

A temática desta dissertação representa um tempo específico da história da humanidade: o contexto de pandemia causado pelo Sars-CoV-2 ou COVID-19 que atingiu países de norte a sul do globo terrestre. Mas, apesar de ser uma realidade global, as pessoas, nas suas diferentes realidades, experienciaram este momento de maneiras distintas. Começa-se buscando apresentar um panorama do contexto de pandemia para o leitor a partir da minha interpretação desta realidade.

O primeiro capítulo do presente trabalho apresenta a contextualização do momento, das pedras que atrapalham, que causam o desastre na humanidade e tematizam esta pesquisa. É preciso falar do vírus, das dificuldades do contexto, do número de mortos e dos encaminhamentos de um momento tão específico. O vírus que levou à crise sanitária reverberou também em questões políticas, sociais e econômicas.

Inicia-se no primeiro item explicitando as especificidades do vírus; em seguida, é abordado como o vírus modificou as maneiras de viver, no mundo, mas, focalizando o olhar para o Brasil, e principalmente para a cidade do Rio de Janeiro, contexto tão marcado pela desigualdade social. Em seguida, são tecidas reflexões sobre a pandemia como experiência, a partir da obra de Walter Benjamin (1987). O primeiro capítulo é finalizado com os desafios da pesquisa em ciências humanas e sociais no contexto de pandemia.

1.1

“*Coronavírus parece uma fruta*”

O que é o novo coronavírus? Esta foi uma das perguntas feitas por quem vivenciou o período de pandemia do novo coronavírus. Durante a realização de uma entrevista piloto para esta pesquisa, realizada via ligação de vídeo no *WhatsApp* com dois irmãos que se automearam João Martins e Rebecca³, esta também foi uma das perguntas. No dia 27 de maio de 2020, João Martins, de 7 anos, respondeu que o novo coronavírus parece uma fruta. E não foi só para João Martins que o vírus se assemelha a uma fruta. O artista londrino Lorenzo Saa, confinado em seu apartamento, utilizou frutas e legumes para esculpir o vírus. Lorenzo chegou a esculpir uma imagem semelhante à bandeira do Brasil substituindo “Ordem e Progresso” por “Jair e Regresso”, fazendo referência ao presidente do Brasil, que tomou medidas contrárias às sugeridas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em relação à contenção do vírus. As imagens foram publicadas em uma rede social do artista⁴.

³ A escolha dos nomes fictícios será explicada no capítulo 3, no item 3.4.

⁴ As fotografias foram publicadas na rede social do *Instagram* por meio do perfil @covid19replicas.



Imagem 1 - Obra de Lorenzo Saa
Fonte: Instagram @covid19replicas



Imagem 2 - Obra de Lorenzo Saa
Fonte: Instagram @covid19replicas

O novo coronavírus se tornou parte da realidade, mesmo sendo um vírus invisível, impossível de ser visto a olho nu, não precisava muito esforço imaginá-lo. O vírus poderia estar em tudo, e, João Martins, assim como o Lorenzo Saa, transportaram a imagem do vírus, de uma espécie de círculo com espetos, para as frutas.

O novo coronavírus, denominado Sars-CoV-2, é o responsável pela pandemia da doença COVID-19. A doença foi registrada com o nome COVID-19, Corona Virus Disease – doença do coronavírus; e o 19 se refere ao ano que os primeiros casos foram divulgados publicamente pelo governo chinês, em 2019 (FIOCRUZ, 2020). A Sars-CoV-2 surgiu em Wuhan, na China, no final de 2019, e nos meses iniciais de 2020 se espalhou para outros países do mundo. Durante a realização deste estudo o conhecimento científico sobre o vírus ainda é reduzido, pois, por ser um acontecimento novo, as pesquisas estão em fase de aprofundamento. Os sintomas de pessoas infectadas pelo vírus são muito semelhantes aos sintomas de resfriado e gripe, como tosse, febre, dor de garganta, coriza, podendo causar outros sintomas como perda de olfato e alteração no paladar. Ressalta-se ainda que há pessoas que ficam com sequelas mesmo depois de meses de contato com o vírus, o que coloca incerteza nas consequências do vírus a longo prazo. Há ainda os casos assintomáticos, que são pessoas infectadas pelo vírus mas que, no entanto, não apresentam os sintomas, tornando o contexto ainda mais complexo.

Uma das especificidades do vírus Sars-CoV-2 diz respeito à alta taxa de transmissão, que acontece por meio do contato da pessoa infectada com outra pessoa não infectada. O contato pode ser de uma maneira mais direta, por meio do aperto de mão contaminada, saliva, espirro e tosse ou de uma maneira indireta, como o contato da pessoa infectada com objetos e superfícies, como celulares, corrimão, compras de mercado e maçanetas. Foi então preciso intensificar hábitos de higiene e cuidado pessoal, como lavar as mãos constantemente ou passar álcool em gel, utilizar equipamentos de proteção individual (máscara de proteção da boca e nariz), não compartilhar objetos de uso pessoal (talheres, pratos ou toalhas), além de manter a distância mínima de 1 metro entre as pessoas e evitar circulação desnecessárias nas ruas, shoppings, levando ao termo distanciamento social (BRASIL, 2020).

A COVID-19 atinge com maior letalidade pessoas idosas, pessoas com problemas respiratórios, fumantes de longa data, pessoas com diabetes e doenças crônicas. As pessoas com estas características são consideradas como grupo de risco e devem ter cuidado ainda maior com relação ao novo coronavírus (FIOCRUZ, 2020).

Para além da alta taxa de disseminação, o vírus, que mesmo não tendo alta taxa de letalidade, acabou retirando muitas vidas. O número de pessoas vítimas da COVID-19 no Brasil chegou a mais de 200 mil pessoas em 7 de janeiro de 2021 e a 7.961.673 casos de pessoas infectada na mesma data, segundo dados registrados pelo Painel Coronavírus. A plataforma divulga diariamente dados sobre a COVID-19 no Brasil a partir do Ministério da Saúde e das Secretarias Estaduais de Saúde⁵.

A quantidade de vítimas do novo coronavírus ultrapassou números que somos incapazes de imaginar. O formato em gráficos foi um mecanismo encontrado para mensurar em números e visualizar o desastre causado pelo vírus, permitindo amplitude na compreensão do problema. A curva do gráfico acompanhava o número de pessoas mortas e infectadas, conforme o número de pessoas aumentava a curva do gráfico crescia (gráfico 1). Achatar a curva se tornou um mantra para a sociedade, o que significava torcer para que os números de pessoas mortas e infectadas diminuísse.

⁵ Fonte: Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 7 jan. 2020.

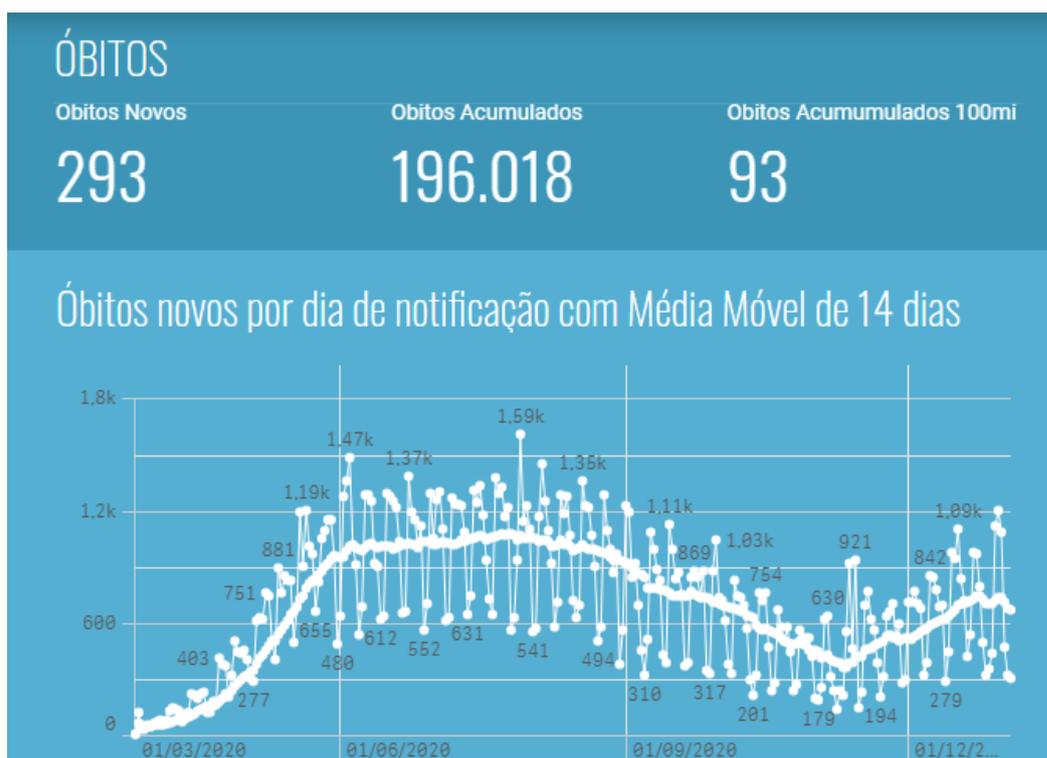


Gráfico 1: Gráfico de óbitos da COVID-19 no Brasil
 Fonte: Ministério da Saúde

Em contraponto aos gráficos, algumas iniciativas foram tomadas com o intuito de não transformar a vida das pessoas em números. A página Inumeráveis⁶ compôs um memorial dedicado às vítimas do COVID-19 no Brasil, apresentando nome, idade e uma frase de definição da vítima. A homenagem também vem acompanhada da frase “Não é um número”, destacando que a vida das pessoas não é numerável.

Viver no mesmo espaço-tempo do COVID-19, o vírus perigoso que circula em todo e qualquer lugar, fez com que a vida se configurasse em um momento atípico e ainda mais imprevisível. Sem o conhecimento aprofundado sobre o vírus, a medida mais urgente foi o afastamento social. Para além do vírus, as problemáticas políticas, econômicas e sociais se apresentavam ainda mais presentes no Brasil.

⁶ Fonte: Inumeráveis: Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil. Disponível em: <https://inumeraveis.com.br/>. Acesso em: 18 set. 2020.

1.2

Sobre(viver) o contexto de pandemia: entre problemas velhos e problema novo

A opção de começar pelo contexto de pandemia tem por objetivo – a tentativa de – aproximar o leitor de uma realidade muito específica da história da humanidade, considerando que todo escrito apresenta de um tempo-espaço e precisa ser contextualizado. A pandemia - disseminação de uma doença pelo mundo - é maior que uma epidemia - doença disseminada em um país –, e, por ser uma calamidade tão grande, trouxe novos hábitos e maneiras de viver para as pessoas, no Brasil e no mundo. De hábitos mais simples, como utilizar constantemente o álcool em gel e lavar as mãos, aos mais complexos, como a educação escolar acontecer por meio de telas de celular e/ou computador. E, por se tratar de um contexto específico e tão diferenciado, faz-se necessário expor alguns aspectos.

O vocabulário foi um dos aspectos que sutilmente se ampliou. Isolamento social, distanciamento social, quarentena, pandemia, novo coronavírus, álcool em gel, máscara, aglomeração, achatar a curva..., fazem parte de um conjunto de palavras e expressões que poderiam até já constar no dicionário, mas eram pouco ou não utilizadas. A partir do surgimento do COVID-19 este conjunto de palavras afixou o vocabulário mundial a ponto de utilizarmos constantemente, mesmo compreendendo pouco os devidos significados. Quarentena, por exemplo, é a separação de pessoas que foram expostas ao vírus, e podem estar infectadas ou não infectadas. A quarentena pode ser individual ou em grupo, de um navio que veio de país com alto número de contágio, por exemplo. O isolamento é de fato isolar pessoas infectadas em casa ou no hospital, com o objetivo de separá-las das pessoas não infectadas e conter o vírus. O distanciamento social é o afastamento de todas as pessoas e com restrição de atividades para diminuir o contato direto e logo a transmissão do vírus⁷. Mas, na realidade, as palavras se misturavam aos seus significados, e estar de quarentena, isolamento social ou distanciamento social significava se afastar da família, amigos, trabalho, escola e da vida antes do vírus.

⁷ Fonte: Qual a diferença de distanciamento social, isolamento e quarentena? Disponível em: https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/. Acesso em: 21 set. 2020.

Para além de modificar o vocabulário, a pandemia, uma crise sanitária - nova - expôs problemas sociais – velhos –. O problema – novo – de um vírus de alto contágio circulando na sociedade brasileira, ecoou os problemas sociais – velhos – que continuavam a acontecer e crescer. A pandemia não foi vivenciada por todos os brasileiros do mesmo modo, e isso não somente pelas subjetividades individuais, mas também e principalmente pela desigualdade brasileira que atinge as pessoas de modos distintos.

Os encaminhamentos de países que vivenciaram a crise sanitária inicialmente, como a China, serviram como exemplo para conduções adotadas por outros países. Contudo, as especificidades de um país com fortes desigualdades estruturais (desigualdades econômicas, racial e de gênero) como o Brasil complicaram os encaminhamentos para viver a crise sanitária. Como aconselhar que brasileiros que não têm acesso à água limpa lavem constantemente as mãos com água e sabão? Se não há dinheiro para alimentação, como exigir que o uso de máscara seja obrigatório? Os problemas de saneamento referentes às favelas, periferias e zonas rurais são complexos e também perpassados pelo racismo e desigualdade de gênero.

O racismo foi escancarado pelo assassinato do menino João Pedro. No dia 18 de maio de 2020, o adolescente negro de 14 anos, foi morto com um tiro de fuzil na barriga pela polícia em uma operação policial em São Gonçalo (RJ). As operações policiais estavam suspensas no estado do Rio de Janeiro durante o período da pandemia, mas mesmo assim a polícia invadiu a casa da família do adolescente em busca de traficantes e após atirar no jovem sumiu com seu corpo, que foi encontrado no dia seguinte pela família no IML de São Gonçalo⁸.

A problemática da violência de gênero, também conhecida como violência contra à mulher, ficou mais evidente no período de distanciamento social. O confinamento com o intuito de conter o vírus isolou mulheres com parceiros agressivos. Segundo o Monitor de Violência Doméstica do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro, houve um aumento no percentual de ocorrências em residências dos crimes mais graves como violência física e violência sexual⁹. A

⁸ Fonte: COELHO, Leonardo. Polícia sumiu com João Pedro após atirar nele. Foi achado morto. Ponte jornalismo, 19/05/2020. Disponível em: <https://ponte.org/policia-sumiu-com-joao-pedro-apos-atirar-nele-foi-achado-morto/>. Acesso em: 08/09/2020.

⁹ “Para Violência Física, o percentual aumentou de 60,2% em 2019 para 66,0% em 2020. Para Violência Sexual, uma variação ainda maior: 58,3% em 2019 para 67,1% em 2020. Fonte: Monitor

cultura de violência, machismo e banalização da vida das mulheres não é um problema novo no Brasil e em diversos países no mundo.

Para além dos casos de racismo e violência de gênero, o novo coronavírus também chegou aos povos indígenas, levando a mais uma preocupação para a vida de povos como os Yanomami. Os problemas brasileiros são muitos e os exemplos mencionados manifestam pouco a amplitude e complexidade, são maiores e mais profundos que o explicitado.

Os encaminhamentos políticos também tornaram o contexto complexo. No ano de 2020, além da troca de ministros da saúde durante quatro vezes – no meio de uma crise sanitária global –, o país permaneceu com a cadeira do ministério vazia durante quatro meses¹⁰. Algumas cidades brasileiras não respeitaram de modo efetivo as recomendações de distanciamento social. O Presidente da República, Jair Bolsonaro, seguiu encaminhamentos contrários àqueles sugeridos pela OMS, mantendo contato com pessoas, numa distância mais próxima que os 2 metros recomendados, sem utilização de máscara e participando de atos políticos junto a seus apoiadores. O presidente, além de não seguir as recomendações, deslegitimou a crise sanitária, se referindo ao novo coronavírus como “gripezinha”¹¹. Com representantes políticos contrariando as recomendações da OMS e reabrindo serviços não essenciais, algumas famílias acreditaram no fim da pandemia e passaram a sair de casa para além do trabalho.

Na cidade do Rio de Janeiro, a determinação foi o fechamento das atividades não essenciais por um período de três meses. *Shopping centers*, salão de beleza, escolas, universidades, pontos turísticos, comércios de ruas e estádios de futebol, permaneceram com as portas fechadas. Super-mercados, farmácias, hospitais e postos de gasolina poderiam ficar abertos durante o período mencionado. A reabertura se deu por meio de um plano gradual que aconteceu em seis fases. Iniciou-se com abertura de atividades de baixo risco de contágio (fases

da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher no Período de Isolamento Social. Instituto de Segurança Pública, 2020. Disponível em: <http://www.ispvisualizacao.rj.gov.br/monitor/index.html>. Acesso em 15/10/2020.

¹⁰ Luiz Henrique Mandetta iniciou o ano de 2020 como Ministro da Saúde permanecendo até 16/04/2020. Nelson Teich assumiu o cargo em 16/04/2020 permanecendo até 15/05/2020. Somente no dia 16/09/2020 Eduardo Pazuello assumiu o ministério. Fonte: Galeria de ministros. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/galeria-de-ministros>. Acesso em: 18 set. 2020.

¹¹ Fonte: BBC NEWS. 2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de ‘gripezinha’, o que agora nega. 27 nov. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 05 jan. 2020.

1 e 2), seguida de atividades de médio risco (fases 3A, 3B e 4) e prosseguindo para atividades de alto risco (fases 5, 6A e 6B)¹². Importante salientar que no Rio de Janeiro foi pouco respeitado o distanciamento social, fato perceptível pela lotação de praias, por exemplo.

O plano de reabertura flexibilizou o distanciamento social, levando grande parte da população a acreditar no fim da pandemia mesmo com os casos de pessoas mortas e infectadas pelo vírus sendo divulgados diariamente em redes sociais e mídias televisivas. E, apesar de muitas pessoas não respeitarem o distanciamento social, há famílias que não chegaram a viver o período de três meses em casa pela necessidade de trabalhar. Neste contexto, as crianças não tinham mais a escola, os parquinhos e as praças públicas. A pandemia configura-se em um problema coletivo e, para aqueles que puderam ficar em casa, significa respeito à própria vida e também à vida das outras pessoas.

O novo problema estava posto, a COVID-19, mas problemas como racismo e violência de gênero não foram criados pelo vírus, mas evidenciados. Nesta seara política, com a soma de problemas velhos e o problema novo, busca-se contribuições de Walter Benjamin para pensar a pandemia como experiência.

1.3

A experiência da pandemia e a pandemia como experiência

Este item tem por objetivo trazer o entendimento do conceito de experiência para assim entrelaçar ao contexto de pandemia. A escolha de caminhar com Walter Benjamin¹³ se dá pela atualidade de suas ideias. O autor, que foi vítima do regime nazista, passou parte da sua vida no exílio, fugindo de um lugar para outro (MEINERZ, 2008) e viveu as consequências de um período de guerras. A pandemia também é um momento trágico, de doença e morte, mas, não é uma guerra. Não cabe aqui buscar analogias ao que não é similar. Mas, ao ler e reler a

¹² Fonte: Plano de Retomada – Programa Rio de Novo. Disponível em: <<https://riocontraocorona.rio/plano-de-retomada/>>. Acesso em 15 out. 2020.

¹³ Walter Benjamin nasceu em 1892 e faleceu em 1940. O autor, que nasceu em Berlim, na Alemanha, no seio de uma família judia, foi vítima da perseguição nazista. Benjamin criou uma imagem da Era Moderna e teceu reflexões em vários campos, como da filosofia, literatura, cinema, arquitetura, fotografia e psicanálise. Foi associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica (MEINERZ, 2008).

obra de Benjamin é possível tecer aproximações entre o seu pensamento e o contexto atual de pandemia.

Benjamin (1987), no clássico texto *Experiência e Pobreza*, aborda a preocupação com a pobreza da experiência na modernidade. A parábola de um velho, que no momento da morte falou aos filhos o segredo de um tesouro, é o ponto de partida na obra de Benjamin. Os filhos cavaram e não acharam o tesouro, só depois compreenderam que a felicidade estava no trabalho e não no ouro; o pai havia transmitido certa experiência. Para o autor, esta experiência que é transmitida dos mais velhos para os mais jovens está em vias de extinção, como consequência do crescimento do capitalismo. Cabe ressaltar que a pobreza da experiência é um aspecto que atravessa toda a humanidade.

O autor descreve o esvaziamento da experiência no período de guerras, vivenciado por ele: “porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra das trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes” (BENJAMIN, 1987, p. 115). A guerra é uma experiência sem aura, sem sentido, como o vidro, que é um material liso e opaco.

A preocupação de Benjamin (1987) é que a experiência subtraída do sujeito pode provocar a barbárie. Ou seja, com o esvaziamento da experiência e a pobreza da experiência se dá a chegada a barbárie, que, “impelle [o sujeito] a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda” (BENJAMIN, 1987, p. 116).

O enfraquecimento dos laços de coletividade é uma questão que leva à pobreza da experiência. Na obra *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, Benjamin oferece pistas para pensar a manutenção da experiência e responder à barbárie, por meio da narrativa. A narrativa floresceu no meio artesão, e é – num certo sentido – concebida por Benjamin como uma forma artesanal de comunicação. A narrativa não tem o interesse de transmitir a coisa narrada como uma informação ou relatório, a narrativa “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1987, p. 205).

A experiência é constituída entre o indivíduo e o mundo, e não é um processo exclusivamente físico ou mental dos seres humanos. A preocupação do autor foi o enfraquecimento dos laços de coletividade e/ou a pobreza da experiência. A chegada da informação constante, a partir do crescimento do capitalismo e o desenfreado desenvolvimento das tecnologias, provocou a extinção da narrativa.

Para o autor a modernidade tem destruído a experiência de narrar e a narrativa está em vias de extinção. “As ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo” (BENJAMIN, 1987, p. 198). O romance é um indicio que a arte de narrar vai acabar porque não procede da tradição oral e é isolada, ao contrário da narrativa. A narrativa precisa fazer sentido para o narrador e para quem escuta para perpetuar a experiência e a coletividade: a relação entre ouvinte e narrador precisa conservar o que foi narrado e assegurar a possibilidade de reprodução. A pobreza da experiência vem pelo fim da arte da narrativa, que é um laço de coletividade.

O lugar da experiência nesta investigação é trazer o contexto atual de pandemia como uma experiência significativa, que causou luto, aprendizados, formas diferentes de experimentar o mundo, de se comunicar, e atravessou a vida e a história dos sujeitos. A pandemia como experiência não é possível ser mensurada, assim como nenhuma outra experiência; mas é possível que seja narrada, em busca de escutar como os sujeitos se relacionam com esse momento, como constroem significados e encontram espaço para expressar o contexto vivido.

A pandemia trouxe alguns aspectos da vida que já eram conhecidos, mas que foram colocados em evidência: a finitude da vida. A experiência da pandemia é de toda humanidade, e não mais uma experiência privada.

Narrar o contexto de pandemia é estreitar os laços de coletividade, que foram interrompidos com a necessidade de distanciamento social. A narrativa, mesmo que por meio de telas, é um modo de buscar dar sentido à vivência na pandemia. Há também a possibilidade de construir relação, vínculo e empatia, e se distanciar de tamanha informação sobre o contexto atual. A narrativa, como entendida por Benjamin, foi, no contexto de pandemia, também voltada para a informação. Diariamente foi noticiado o número de pessoas mortas, pessoas infectadas e o descaso dos governantes. Neste sentido, busca-se a narrativa das

crianças para enriquecer os laços de coletividade, buscar compreender o entendimento das crianças sobre este momento e manter a experiência.

1.4

A pesquisa em ciência humanas no contexto de pandemia

Os desafios da pandemia estavam postos e impostos. O novo coronavírus modificou diversos aspectos da vida, como mencionados no item 1.2. A produção da ciência também sofreu alterações em decorrência da doença. Para além da produção da vacina, as problemáticas das ciências humanas e sociais continuavam a acontecer e serão brevemente aqui abordadas.

Fazer pesquisa é produzir perguntas daquilo que não sabemos e buscar as respostas. Em contexto da presente pandemia não sabemos nada. Sem entender o que estava acontecendo e sem previsão de futuro, viver o contexto de pandemia suscitou questões em diversos âmbitos da vida. A pesquisa científica voltou o olhar para a produção da vacina de imunidade ao vírus, mas, pesquisas em ciências humanas e sociais precisavam de continuidade, assim como pesquisadores prosseguiram com seus objetos de pesquisas e prazos. O contexto de pandemia, que atravessou a vida das pessoas, atravessou também as pesquisas acadêmicas.

Os pesquisadores da área de ciências humanas e sociais já enfrentavam desafios específicos de suas investigações e a pandemia se apresentou como mais um desafio para desenvolver pesquisas no campo das humanidades. Como produzir pesquisa do âmbito das relações humanas em um cenário que não é permitido aproximar-se de pessoas? A partir do contexto de pandemia, o desafio de produzir pesquisas acadêmicas na área das ciências humanas e sociais foi mais um desafio instaurado. As universidades, espaços de pesquisa e produção do conhecimento, e a vida das pessoas, foram perpassadas pelo vírus, aspecto que merece ser investigado. Além disso, os programas de pós-graduação permaneceram com datas de conclusão dos trabalhos e pesquisadores(as) se viram obrigados a modificar temas e/ou metodologias de estudo ajustando seus estudos ao contexto de pandemia.

O Laboratório de Humanidades Digitais (dhlab) e o Laboratório de Metodologia do Instituto de Relações Internacionais (LabMet) do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da PUC-Rio realizaram um mapeamento dos encaminhamentos de estudos na área de ciências humanas e sociais da Universidade. O objetivo foi verificar os principais desafios da pesquisa em ciências humanas e sociais no momento de pandemia e as estratégias adotadas pelos pesquisadores(as) para dar prosseguimento aos estudos. O mapeamento foi realizado por meio de um questionário enviado aos docentes e discentes da instituição, e obteve retorno de 64 respondentes. Algumas pesquisas apresentavam-se adiadas, outros pesquisadores(as) optaram pelo recorte teórico com a impossibilidade da pesquisa de campo, alguns estudos foram impossibilitados por problemas sociais e psicológicos dos autores e outros experimentaram novas metodologias (LACERDA; RAMALHO, 2020).

As autoras do estudo apontam alguns problemas sociais da realidade brasileira enfrentados pelos(as) pesquisadores(as), que fomentam os desafios da pesquisa na pandemia. A desigualdade socioeconômica reverbera em limitações como a falta de acesso à internet e aos dispositivos para acessá-la. Mais especificamente, no contexto atual de pandemia algumas famílias trabalham no computador de casa e inúmeras crianças e adolescentes acessam as aulas remotas no celular e computador. Há assim a necessidade de compartilhar o uso dos aparelhos entre os membros da família. Os desafios mencionados são manifestados nas famílias que possuem acesso à internet e aos dispositivos para acessá-la, pois vale destacar que nem todos têm acesso a computadores e à internet (LACERDA; RAMALHO, 2020).

Dificuldades sociais e de impacto psicológico, como ansiedade, fadiga, solidão e depressão, foram aspectos também apontados pelas autoras, pois, além da produção de um trabalho acadêmico - que gera as sensações mencionadas -, são acrescidas questões da imprevisibilidade de futuro diante do contexto, que também gera sintomas psicológicos. Raça e gênero, fatores que atingem os corpos de diferentes formas, foram citados pelas pesquisadoras, desencadeando questões como conciliar trabalho e maternidade, e o aumento dos casos de violência doméstica. Para além de fatores relacionados à vida pessoal e social, há também os limites da pesquisa de campo, que levaram à redefinição de objetos de pesquisa e, em alguns casos, à impossibilidade de pesquisas de campo, como investigação

com povos indígenas e refugiados e a limitações de acesso a documentos fundamentais em escolas, museus, bibliotecas e acervos públicos (LACERDA; RAMALHO, 2020).

Com a necessidade de readaptar a vida, as instituições de ensino também se reinventaram. As transmissões ao vivo, que também ficaram conhecidas como *lives*, foram uma forma de manter a comunicação e a divulgação da ciência entre a comunidade científica. Professores(as) e pesquisadores(as) se encontraram no ambiente virtual em eventos organizados de forma institucionalizada para discutir temáticas diversas. Os canais no *Youtube*, com transmissão ao vivo em redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, foram os principais meios de transmitir os encontros. Alguns eventos acadêmicos também se reinventaram e aconteceram no formato remoto. Destaco três eventos do campo da educação que aconteceram de modo virtual em 2020: XX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), 14º Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Sudeste (ANPEd-Sudeste) e o XIV Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade¹⁴ (EDUCON).

A produção do conhecimento na área das humanidades precisou também ser reinventado. Algumas revistas científicas abordaram temas relacionados diretamente o vírus, mas também contemplaram temas vigentes antes da pandemia. Em diferentes universidades, defesas de teses e dissertações aconteceram de maneira remota, mas, as limitações da pesquisa em ciências humanas estavam postas. Para o estudo aqui apresentado, assim como para muitos outros, buscar apoio no ambiente virtual foi o caminho possível. Neste sentido, a literatura sobre etnografia virtual apontou um itinerário de pesquisa profícuo, que será apresentado no capítulo três, item 3.2.

¹⁴ No XIV Colóquio EDUCON foi apresentado um recorte inicial da presente dissertação, intitulado “A pesquisa virtual com/sobre criança no contexto de pandemia”. A apresentação foi realizada pela plataforma do *Youtube* e foi publicado o caderno de resumos expandidos. Ver mais: MARTINS; CARVALHO, 2020.

2

Olhares sobre as crianças e as infâncias

Uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de facto, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da proteção face a esse mundo. Uns encaram a criança como um agente dotado de competências e capacidades; outros realçam aquilo de que ela carece.
Manuel Pinto (1999, p. 34)

Há muitas possibilidades de definir criança e infância, desde o que são ao que virão a ser, como declarado por Manuel Pinto (1999). A lente que se escolhe para olhar as infâncias e as crianças determina a discussão. Este capítulo apresenta uma síntese de referências sobre criança e infância. O primeiro item contempla algumas concepções de criança e infância defendidas ao longo da história, com o intuito de sinalizar o recorte teórico sobre a construção social de criança e infância a partir da lente da criança enquanto ator social e sujeito, e da categoria infância como construção social. Para ampliar a discussão, busca-se, inicialmente, as contribuições da psicologia histórico-cultural desenvolvida por Vigotski (1991; 2014) a partir dos conceitos de atividade do brincar e desenvolvimento e da imaginação e criação; e a sociologia da infância enquanto campo de estudo fundamental para esta dissertação a partir dos conceitos de reprodução interpretativa, cultura de pares e interatividade, ludicidade, fantasia do real e reiteração, com contribuições de Pinto (1999), Sarmiento (2004; 2008), Corsaro (2011) e Ferreira (2008).

2.1

Algumas concepções de crianças e infâncias ao longo da história

A concepção desenvolvida no Brasil nos últimos anos de criança como sujeito social, cidadão que tem direitos, produtora de cultura e da história, ao mesmo tempo em que é produzida na história e na cultura (KRAMER, 2002), é uma visão recente na história e nem sempre foi assim. As concepções de infância estão constantemente em construção e em diálogo com o contexto histórico,

social, cultural e político. Ou seja, não é natural a concepção de infância. Uma questão fundamental a ressaltar no âmbito dos estudos sobre crianças e infâncias é a dificuldade de discutir estas categorias pela diversidade de possibilidades de definição.

O historiador francês Philippe Ariès é pioneiro no olhar para a infância. O autor declara que a concepção de especificidades da infância não existia na Idade Média, ou seja, as crianças eram tratadas como adultos assim que atingissem um mínimo de maturidade, vistas assim como mini adultos. O primeiro sentimento da infância foi a (i) paparicação, a criança como aquela que diverte os adultos, distrai e brinca, sentimentos promovidos pela família. E o segundo sentimento da infância foi a (ii) preocupação moral, que a criança é vista como frágil, que precisa de disciplina, sentimentos externos à família, promovidos por eclesiásticos e homens da lei (ARIÈS, 1981). Neste contexto, com base nas considerações que não reconhecem as especificidades das crianças, elas foram condenadas ao “não-lugar” (PEREIRA; JOBIM E SOUZA, 1998).

Pereira & Jobim e Souza (1998) destacam que a ideia de infância como uma preparação para o futuro surge no Iluminismo com a proposta de livrar os homens do mal e do “não-saber”. Nesse momento histórico, caberia à educação transformar os pequenos seres em homens dotados de linguagem e futuros cidadãos, responsáveis e independentes. A preocupação com a formação das crianças se dá para a preparação do homem do amanhã e a infância é vista como fase passageira que precisa ser apressada, pois irá se relevar no futuro. No contexto do Iluminismo também surge o interesse em estudar a infância e a criança, que a partir daí são reconhecidas como objeto de estudo da ciência (PEREIRA; JOBIM E SOUZA, 1998).

Com a revolução industrial e a vida moderna, desencadeia-se a ideia de produtividade, consumismo, em que tempo é dinheiro. Com essa ideia de progresso da revolução industrial, Pereira & Jobim e Souza (1998, p. 30) indagam: “qual o lugar da infância nesse tempo tão apressado?”. As crianças na modernidade vivem o enclausuramento, desfrutam o apagamento da alteridade e são consumidoras. A autoras ressaltam que o sentimento moderno da infância, teve como consequência o afastamento do adulto da criança. O contexto da infância contemporânea apresenta uma ruptura com o diálogo e é “transformada por nós [adultos], sem qualquer piedade ou indignação, em mercadoria de uma

época, a criança contemporânea tem como destino flutuar erratically entre adultos que já não sabem o que fazer com ela” (PEREIRA; JOBIM E SOUZA, 1998, p. 38).

Há também a concepção moderna (e recente) de criança como sujeito social situado em um contexto histórico, imerso na cultura e que produz cultura e é nela produzida. E a ideia de infância como categoria geracional, que foi criada e ao que é própria de cada sujeito. Corsaro (2011), esclarece esta concepção de infância,

a infância – esse período socialmente construído em que as crianças vivem suas vidas – é uma forma estrutural. Quando nos referimos à *infância como uma forma estrutural* queremos dizer que é uma categoria ou uma parte da sociedade, como classes sociais e grupos de idade. Nesse sentido, as crianças são membros ou operadores de suas infâncias. Para as próprias crianças, a infância é um período temporário. Por outro lado, para a sociedade, a infância é uma forma estrutural permanente ou categoria que nunca desaparece, embora seus membros mudem continuamente e sua natureza e concepção variem historicamente. É um pouco difícil reconhecer a infância como uma forma estrutural porque tendemos a pensar nela exclusivamente como um período em que as crianças são preparadas para o ingresso na sociedade. Mas as crianças já são uma parte da sociedade desde seu nascimento, assim como a infância é parte integrante da sociedade. (CORSARO, 2011, p. 15, grifos do autor).

A concepção de criança e infância que perpassa a presente dissertação busca distanciar-se de visões sobre a infância como mini adulto ou vir a ser, concepção que é recente na história. Conceituar criança e infância neste estudo representa não resumir a etapa inicial da vida dos sujeitos como única e exclusiva para todas as pessoas, como abordado por Kramer (2002, p.43), que tratar as infâncias no abstrato é dissimular o significado social da infância. Todos fomos crianças um dia, mas, vivemos a infância de modo singular e subjetivo, traçando histórias e vivências próprias. Conforme destaca Sarmiento (2004, p. 4), as crianças (do estatuto biológico) sempre existiram, mas nem sempre houve infância (categoria social), e, portanto, a ideia de infância é moderna. Além disso, não há uma única concepção de infância, mas a ideia de infâncias, porque os modos de vivê-la são distintos a partir da realidade social, cultural, histórica e política.

Kramer (2002) destaca que no Brasil, a sociologia, a psicologia e a antropologia são áreas que contribuíram para a construção da concepção de infância enquanto categoria social. Os itens a seguir são tecidas considerações da psicologia histórico-cultural e da sociologia da infância, áreas fundamentais para a compreensão do olhar sobre a infância no trabalho aqui apresentado.

2.2

As crianças e a relação com o meio social: contribuições da psicologia histórico-cultural

A psicologia histórico-cultural tem como precursor o psicólogo russo Lev Vigotski¹⁵, que morreu com apenas 37 anos, dedicou seus estudos à psicologia infantil e suas aplicações pedagógicas.

A psicologia histórico-cultural surge no período da Revolução Russa, com base no pensamento marxista e a partir de pesquisas sobre a condição social da gênese na consciência do indivíduo. Vigotski estudou a psicologia desenvolvida em seu tempo, que entendia a consciência por um viés naturalista, apenas produto do cérebro, ou na perspectiva idealista, como processo de origem espiritual, ou seja, a consciência já nasce com o indivíduo. Ambas as perspectivas – naturalista e idealista – não consideravam a relação com o ambiente social como necessário para o desenvolvimento humano. Vigotski, em parceria com Alexei Leontiev e Alexander Luria, também psicólogos russos, propuseram uma nova psicologia, que compreende o desenvolvimento do ser humano a partir da relação com o ambiente social, na história e na cultura.

As pesquisas mostraram que as funções psíquicas especificamente humanas, como o pensamento lógico, a memória consciente e a vontade, não se apresentam prontas ao nascer. Elas formam-se durante a vida como resultado da apreensão da experiência social acumulada pelas gerações precedentes, ao dominarem-se os recursos da comunicação e de produção intelectual (antes de mais nada, por meio da fala), que são elaborados e cultivados pela sociedade. (PRESTES, 2010, p. 36).

Prestes (2010, p. 36) ressalta que para Vigotski “a psiquê humana é a forma própria de refletir o mundo, entrelaçada com o mundo das relações da pessoa com o meio” (PRESTES, 2010, p. 36). Importante ressaltar que as características

¹⁵ Lev Vigotski nasceu em 1896 e faleceu em 1934 de tuberculose. O autor viveu o período da Revolução Russa. Aos 17 anos terminou o ginásio que deu a ele o direito de participar do sorteio de vagas para medicina. O filho de família judaica foi contemplado no sorteio por meio do sistema de cotas vigentes para judeus. Prestou exames e foi admitido como estudante da Universidade Imperial de Moscou e em setembro de 1913 iniciou o curso. Um mês depois, Vigotski se transferiu para a Faculdade de Direito na mesma Universidade e também se matriculou no Curso de História e Filosofia da Universidade Popular Chaniavski. Seus estudos se voltaram principalmente para a psicologia e educação. Após a morte do autor suas obras foram censuradas por duas décadas em Moscou (1936 até 1956). Em 1956 voltaram a ser publicadas em uma primeira coletânea de textos que saiu nos Estados Unidos das Américas. Até os dias atuais o trabalho de Vigotski desperta interesse em diversos campos do conhecimento, principalmente na educação e psicologia. No Brasil os textos do autor chegaram a partir de versões norte-americanas, que leva a questionamentos em relação à tradução das obras do autor (PRESTES et al. 2013).

biológicas são a base da humanidade e Vigotski não negava a importância do biológico. Entretanto, para o autor, somente o biológico não é suficiente para o desenvolvimento humano porque “todo processo psíquico possui elementos herdados biologicamente e elementos que surgem na relação e sob a influência do meio” (PRESTES, 2010, p. 36). Nesse sentido, Castro (2015) salienta que

na constituição do sujeito, não há prevalência do fator biológico, nem do fator social, nem da simples relação entre ambos, mas de um processo de construção histórico-cultural do contexto social e do meio, pela própria atividade do sujeito. Diante disso, para estudar o seu processo de desenvolvimento não se deve partir de seu pensamento, mas sim da atividade de sua vida real (CASTRO, 2015, p. 62).

O fundamento da teoria histórico-cultural é a compreensão de “que o desenvolvimento do psiquismo é determinado pelas relações socioculturais mediadas” (NASCIMENTO, et al., 2009, p. 294). Ou seja, a socialização é fundamental para a apropriação do patrimônio cultural e o desenvolvimento de características humanas. Nesta perspectiva, o sujeito transforma o meio e a si mesmo, configurando-se em um ser histórico.

A obra de Vigotski passou por apropriações equivocadas e adulterações, especialmente por dois motivos: (i) com o intuito de apresentar um Vigotski menos marxista¹⁶ e colocar seu texto em palavras mais sutis porque suas obras foram proibidas ao longo de 20 anos na extinta União Soviética (URSS), e, (ii) pelo fato do trabalho do autor chegar ao Brasil a partir de traduções norte-americanas. As adulterações, cortes e censuras do trabalho de Vigotski acarretaram em distorções no pensamento do autor.

No próximo item, o foco será a discussão da atividade do brincar no desenvolvimento da criança e do papel da imaginação e da criação na infância abordados pelo autor.

2.2.1

A atividade de brincar e o desenvolvimento

A brincadeira exerce influência direta no desenvolvimento da criança (VIGOTSKI, 1991) e configura-se como uma atividade de apropriação das regras, códigos culturais e de aprendizagem. Nascimento et al. (2009, p. 295) ressaltam

¹⁶ Tuleski (2000) amplia a discussão das leituras e interpretações das obras de Vigotski.

que é preciso entendê-la “como uma forma peculiar e específica da atividade humana pela qual as crianças se apropriam da experiência social da humanidade e se desenvolvem como personalidade”.

A atividade do brincar, segundo Vigotski (1991), é um mundo ilusório e imaginário, em que os desejos e necessidades das crianças são realizáveis. As crianças muito pequenas, em idade pré-escolar, têm desejos não realizáveis e, para resolver esta tensão, os meninos e as meninas criam um mundo ilusório e imaginário, onde os desejos podem ser realizados. Esse mundo é chamado de brinquedos¹⁷ (VIGOTSKI, 1991).

A atividade de brincar não é somente uma capacidade de abstração: a imaginação é fundamental. As situações imaginárias criadas pelas crianças são estruturadas com regras, que têm origem na própria situação imaginária. Ressalta-se ainda que não são regras formais, mas regras de comportamentos que por vezes são ocultas. Por exemplo, duas irmãs que brincam de serem irmãs. Na realidade cotidiana elas se comportam como irmãs sem pensar como é serem irmãs. Contudo, na brincadeira a dupla brinca como pensam e decidem que é o “ser irmãs”. Ou seja, há regras de comportamento no “ser irmã” (VIGOTSKI, 1991).

O autor chama atenção para a divergência nos campos do significado e da visão. Para a criança muito pequena há uma fusão íntima entre o significado e o que é visto, por exemplo: “quando se pede a uma criança de dois anos que repita a sentença “Tânia está de pé”, quando Tânia está sentada na sua frente, ela mudará a frase para “Tânia está sentada” (VIGOTSKI, 1991, p. 65). Já as crianças um pouco maiores se relacionam com o significado das coisas e não com os objetos que se vê, no exemplo citado acima a criança maior responderia “Tânia está em pé”. Entretanto, a criança muito pequena, durante a atividade de brincar, vê e age independente do que está sendo visto. Desse modo, a criança consegue separar o pensamento dos objetos, e se relaciona com o significado das coisas e não com os objetos.

No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo. A ação regida por regras começa a ser determinada pelas ideias e não pelos objetos. Isso representa uma tamanha inversão da relação da criança

¹⁷ Na obra lida para a presente dissertação é utilizado “brinquedo”. No entanto, Prestes (2013) chama a atenção para a tradução da palavra *igra* (Russo) que seria “atividade do brincar”.

com a situação concreta, real e imediata, que é difícil subestimar seu pleno significado.” (VIGOTSKI, 1991, p. 65).

A brincadeira promove a separação “que um objeto (um cabo de vassoura, por exemplo) torna-se um pivô dessa separação (no caso, a separação entre o significado "cavalo" de um cavalo real).” (VIGOTSKI, 1991, p. 65). Nesta perspectiva, a ação é determinada pela ideia e não somente pelo significado do objeto. A atividade de brincar proporciona um comportamento da criança para além do habitual para sua idade: representa a entrada da criança no mundo simbólico e o desenvolvimento através da atividade do brincar.

2.2.2

Imaginação e criação

A teoria histórico-cultural entende o desenvolvimento humano articulado à história e à cultura. Os conceitos de imaginação e criação desenvolvidos e analisados por Vigotski (2009) são fundamentais para compreender o processo criador na criança e a relação de imaginar e criar com a realidade e a cultura, processos que são desencadeados na relação com o meio social e não apenas dentro da pessoa.

Vigotski (2009) analisa a imaginação como processo específico da formação humana, uma atividade de todos os indivíduos e não distante da realidade. A atividade criadora é quando o homem cria algo novo, da produção artística, científica e/ou tecnológica. Para o autor a criação não surge do nada: a criação emerge a partir das experiências do sujeito.

A imaginação tem elementos próximos às experiências vividas pelos sujeitos e elementos da realidade. Desse modo, contrapõe à ideia comum que imaginar é um processo apenas da mente e sem relação com a realidade. Vigotski (2009) aponta quatro pontos básicos relacionados à imaginação e à realidade, afirmando que são complementares e não opostos. A imaginação se apoia na realidade e a realidade se apoia na imaginação:

- i) O ato imaginativo se compõe de elementos da realidade e da experiência humana (seria um milagre se a imaginação criasse algo do nada). Por isso, a atividade criadora está relacionada diretamente

com a riqueza e a variedade da experiência acumulada do homem. Desse modo, a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, por ser menor a experiência da criança comparada à do adulto;

- ii) A imaginação é orientada por experiências vividas pelo próprio sujeito, mas também pela experiência alheia e a socialização e, por isso, é possível uma pessoa imaginar uma situação que não viveu. Nesta perspectiva o autor defende a ampliação da experiência do homem, porque assim poderá imaginar situações que nunca vivenciou;
- iii) A influência da imaginação nos sentimentos. Ao assistir um filme, ler páginas de um livro ou ter contato com uma obra de arte, os sentimentos se apresentam. E, apesar de serem obras fictícias, que não são frutos da realidade, os sentimentos produzidos são reais;
- iv) Por último, a construção de algo totalmente novo, não existente e nem semelhante na experiência humana, se torna realidade. Ao se materializar torna-se tão real quanto os demais objetos já existentes. Todos nós somos capazes de aprender e de se desenvolver, desde que se propicie um ambiente adequado e pessoas/profissionais comprometidos com o processo de desenvolvimento.

A atividade criadora é definida por Vigotski (2009) a partir de dois tipos básicos de ação: i) atividade reprodutiva, aquela em que o homem reproduz meios que já vivenciou, como lembranças de uma viagem, por exemplo. A atividade reprodutiva acontece por meio da plasticidade do cérebro, um órgão que preserva experiências já vividas e restitui em outros sentidos; ii) atividade combinatória, aquela em que há combinação de imagens e ações que o indivíduo não vivenciou, possibilidades de pensar o futuro ou um momento do passado que o sujeito não viveu, por exemplo. A atividade combinatória acontece pelo compartilhamento de experiências entre sujeitos. Vigotski (2009, p. 14) afirma que “é exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente”.

Ao abordar a complexidade da atividade imaginativa, como processo interno e externo, o autor detalha o processo da imaginação por meio das dissociações e associações adquiridas na percepção. Segundo Vigotski (2009), a imaginação pega um todo e fragmenta (dissociação), e a partir dos elementos

dissociados e fragmentados recria (associação). O ciclo se completa quando a imaginação se converte ou cristaliza.

O autor destaca, ainda, dois aspectos internos da imaginação: i) a necessidade do homem de se adaptar ao ambiente que o rodeia, pois se estivesse tudo bom e agradável o homem não criaria, ou seja, há então essa necessidade de adaptação; ii) o anseio para criar tem relação com o meio que o sujeito está inserido, não é apenas um processo subjetivo e interior do indivíduo. O psicólogo indaga: por que o ser humano cria? E argumenta: em decorrência da necessidade, porque se vê desafiado e são as necessidades, as crises e os desafios que movem a criação. O meio não é determinante, mas influencia.

Qualquer inventor, mesmo um gênio, é sempre fruto de seu tempo e de seu meio. Sua criação surge de necessidades que foram criadas antes dele e, igualmente, apoia-se em possibilidades que existem além dele (...) nenhuma invenção ou descoberta científica pode emergir antes que aconteçam as condições materiais e psicológicas necessárias para seu surgimento. A criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores. (VIGOTSKI, 2009, p. 42).

As contribuições dos conceitos de imaginação e criação de Vigotski (2009) refutam opiniões difundidas na sociedade, como acreditar que a imaginação e a criação emergem “do nada”, do entendimento que a imaginação e a criação são atividades exclusivas de grandes gênios e/ou que a criança imagina mais que o adulto. O autor traz contribuições fundamentais ao abordar a imaginação e a criação como atividade relacionada à realidade e às experiências vividas pela pessoa. Além disso, todas as pessoas são capazes de criar, a criatividade não é exclusiva dos grandes gênios. Por fim, os processos criativos já são observados nas crianças a partir das brincadeiras, que reelaboram o cotidiano. Importante salientar que para Vigotski (2009) as crianças não imitam a realidade, mas, reelaboram e ressignificam a realidade observada a partir de suas necessidades, interesses e desejos. Desse modo, o autor afirma que a imaginação e a criação passam pelas experiências no espaço-tempo social.

2.3

As crianças como sujeitos que produzem cultura: contribuições da sociologia da infância

A sociologia da infância é um campo de estudo que surge a partir de questionamentos dos modos de se investigar crianças na área das ciências sociais. Este campo de estudos da criança propõe uma inversão pragmática no modo de pesquisar crianças e suas infâncias.

Historicamente, é possível constatar o quanto as crianças foram marginalizadas na sociedade. Durante séculos foram representadas como seres humanos miniaturizados, dignos de estudo e cuidado apenas pela sua incompletude e imperfeição (SARMENTO, 2008). As crianças foram negligenciadas pela sociologia, porque é comum que adultos vejam as crianças na perspectiva do que se tornarão (adultos) e raramente vistas no que são, vidas em andamento, com necessidades e desejos (CORSARO, 2011). A sociologia da infância reconhece a criança como indivíduo ativo e ator social, e busca se distanciar da lógica hegemônica de pesquisar *sobre* criança para realizar pesquisa *com* criança. A ideia se consolida principalmente no início da década de 1990, entendendo que as crianças constituem uma porta de entrada fundamental para a compreensão da realidade (SARMENTO, 2008). Nesse sentido, Ferreira (2008) destaca que é preciso

Levar mais longe o reconhecimento das *crianças como sujeitos* é adotar uma concepção de pesquisa *com* crianças em que elas são vistas como *actores sociais* implicados nas mudanças e sendo mudados nos mundos sociais e culturais em que vivem, e como protagonistas e repórteres competentes das suas próprias experiências e entendimentos – elas são, portanto, as melhores informantes do seu aqui e agora. (FERREIRA, 2008, p. 149, grifos da autora).

No Brasil, a primeira pesquisa realizada *com* criança foi produzida por Florestan Fernandes, sociólogo, que também foi deputado federal. No trabalho monográfico intitulado “As trocinhas do Bom Retiro: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis”, realizado em 1944, o autor defendeu a existência de uma cultura exclusiva das crianças, denominada pelo autor de elementos folclóricos (FERNANDES, 2004). O estudo foi fundamental para se repensar o lugar da criança na pesquisa científica brasileira.

Algumas pesquisas que se propõem a escuta da criança rompem também com a perspectiva de “dar voz” aos que ao longo da história não tiveram vez. Acontece que as crianças possuem vozes, no entanto, não se dá à escuta para serem ouvidas. Neste sentido de dar à escuta para investigar a lógica das crianças requer também a postura de humildade, respeito, delicadeza e “não saber” em busca de romper com a visão adultocêntrica. Ferreira (2008) complementa que:

Trata-se de levar a sério a voz das crianças, reconhecendo-as como seres dotados de inteligência, capazes de produzir sentido e com o direito de se apresentarem como sujeitos de conhecimento ainda que o possam expressar diferentemente de nós, adultos; trata-se de assumir como legítimas as suas formas de comunicação e relação, mesmo que os significados que as crianças atribuem às suas experiências possam não ser aqueles que os adultos que convivem com elas lhes atribuem. (FERREIRA, 2008, p. 148).

A autora destaca, ainda, o quanto o adultocentrismo é um dos grandes problemas da pesquisa com criança (FERREIRA, 2008).

A principal contribuição da sociologia da infância é a ampliação e possibilidade de um novo olhar para a criança. Distanciando-se de uma visão de criança como objeto e sujeito incompleto para compreender a criança como sujeito, ator social que possui agência - possibilidade de agir sobre o mundo. A seguir, serão destacados alguns conceitos da sociologia da infância que amparam esta pesquisa: reprodução interpretativa e cultura de pares; interatividade, ludicidade, fantasia do real e reiteração.

2.3.1

Reprodução interpretativa e cultura de pares

A reprodução interpretativa é um termo desencadeado a partir do conceito de socialização. Para Corsaro (2011), socialização não é só adaptação e internalização dos conhecimentos e habilidades de adultos pelas crianças, é também um processo de apropriação, reinvenção e reprodução. O conceito de socialização propõe uma conotação de pensar a formação e preparação da criança para o futuro. Corsaro sugere então o termo reprodução interpretativa, que entende que a criança interpreta e transforma a herança transmitida pelos adultos. “O termo *interpretativo* abrange os aspectos *inovadores* e *criativos* da participação infantil na sociedade. (...) o termo *reprodução* inclui a ideia de que as crianças não

se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas *contribuem ativamente para a produção e mudança culturais.*” (CORSARO, 2011, p. 31, grifos do autor). Todas as crianças reproduzem interpretativamente a cultura dos adultos.

O sociólogo aborda dois elementos principais da reprodução interpretativa: a linguagem e as rotinas culturais. A linguagem é fundamental para a criança (e outros sujeitos) participarem da cultura. As rotinas culturais têm relação com a recorrência de atividades diárias, por exemplo, almoçar. “Ao participar da rotina, as crianças aprendem um conjunto de regras previsíveis que oferecem segurança e aprendem também que variações nas regras são possíveis e até desejáveis” (CORSARO, 2011, p. 33). As interações na rotina diária propícia que as crianças ampliem e aperfeiçoem seus conhecimentos.

Ao buscar esclarecer o conceito de reprodução interpretativa, Corsaro (2011) tece relações entre reprodução interpretativa e a “teia de aranha”. A teia global é um tipo de teia produzida pelas aranhas em um modelo espiral. Segundo o autor, o que as crianças produzem e a forma como participam de uma série de culturas de pares incorporadas se assemelha ao modelo espiral da teia global. Ressalta que a família é importante para a reprodução interpretativa, porque é a ligação entre todas as outras instituições que a criança se relaciona.

A reprodução interpretativa apresenta as crianças como sujeitos que se esforçam para interpretar ou dar sentido a sua cultura e dela participarem, e nessa tentativa as crianças produzem coletivamente seus próprios mundos - cultura de pares – e contribuem para a cultura dos adultos. “A criança está sempre participando e integrando suas culturas – a das crianças e dos adultos – e essas culturas são complexamente interligadas” (CORSARO, 2011, p. 40). Ao se apropriarem das informações do mundo adulto e transformar estas informações a fim de responder às preocupações do seu mundo, as crianças produzem uma cultura que é propriamente sua, a cultura de pares (CORSARO, 2011).

2.3.2

Interatividade, ludicidade, fantasia do real e reiteração

Sarmiento (2004) esclarece que podemos compreender as crianças a partir de quatro eixos estruturadores da cultura da infância: interatividade¹⁸, ludicidade, fantasia do real e reiteração.

Para o autor, a aprendizagem é eminentemente interativa. A interação das crianças com o mundo acontece a partir da família, da escola, das relações comunitárias e especialmente da relação de crianças com crianças - seus pares -, e essas interações contribuem para a construção da identidade pessoal e social dos sujeitos. A interatividade de crianças com seus pares permite a fomentação das culturas infantis, por exemplo, as crianças continuam a jogar pião mesmo na era dos jogos eletrônicos. Este comportamento nasce e é comunicado pelas culturas infantis. No entanto, não é possível compreender as culturas infantis desligadas do mundo adulto. A interatividade das crianças com os adultos acontece especialmente pelas formas de controle dos adultos sobre as crianças, mas também com a utilização pelos adultos dos meios de configuração dos mundos específicos das crianças.

O segundo conceito abordado por Sarmiento (2004) é a ludicidade, que não é exclusiva das crianças. A ludicidade é uma característica do humano, mas as crianças brincam o tempo todo e “contrariamente aos adultos, entre brincar e fazer coisas sérias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério” (SARMENTO, 2004, p. 10). Desse modo, a natureza do brincar se torna um dos primeiros elementos fundamentais das culturas da infância. “O brinquedo e o brincar são também um factor fundamental na recriação do mundo e na produção das fantasias infantis.” (SARMENTO, 2004, p. 10).

A fantasia do real se refere à transposição do real imediato e reconstrução pelo imaginário. No senso comum é o termo “faz de conta”. Para Sarmiento (2004) a dicotomia realidade-fantasia é frágil para explicar o processo de imbricação de dois universos de referência nas culturas infantis – o real e o imaginário. O processo de imaginação do real ou transposição do real para o imaginário “está na base da constituição da especificidade dos mundos da criança, e é um elemento

¹⁸ O termo interatividade é utilizado por Sarmiento (2004) como interactividade, escrita no português de Portugal.

central da capacidade de resistência que as crianças possuem face às situações mais dolorosas ou ignominiosas da existência.” (SARMENTO, 2004, p. 11). Pode, por exemplo, ser a estrela que transporta a pessoa querida para o céu ou a boneca que se brinca no meio da guerra.

O último conceito abordado pelo autor, se configura como fundamental para o trabalho aqui apresentado, é a reiteração, característico das culturas infantis. A reiteração está relacionada ao tempo da criança, revestido de novas possibilidades e capaz de ser reiniciado e repetido. A capacidade da criança de criar e recriar seu mundo, começar tudo de novo, faz com que se estabeleçam regras nas brincadeiras e jogos, protocolos de comunicação. “A criança (...) articula continuamente práticas ritualizadas (“agora diz tu, agora sou eu”), propostas de continuidade (“e depois.. e depois”) ou rupturas que se fazem e são logo suturadas (“pronto, não brinco mais contigo”)” (SARMENTO, 2004, p. 12).

Para Sarmento (2004), a interatividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração são elementos que todas as crianças possuem, na edificação dos seus mundos de vida e das suas culturas.

3

Entrelaçando os temas da pesquisa: pandemia e infância

A geração, aqui, consiste em um grupo de pessoas nascidas na mesma época, que estão compartilhando este mesmo acontecimento social e experiência histórica.
Narda Jorosky e Flavia de Barros (2020)

Este capítulo tem por objetivo entrelaçar os dois temas da pesquisa: o contexto de pandemia e a infância. O primeiro item apresenta um levantamento bibliográfico feito em 2020 com artigos publicados sobre a percepção das crianças do contexto pandêmico. Em seguida é apresentado o campo da etnografia virtual, como bibliografia de fundamento para construção da metodologia. O capítulo apresenta também o percurso metodológico construído para sensibilizar e se aproximar das crianças participantes do estudo e por fim, aborda algumas questões éticas suscitadas no campo investigado.

3.1

Infância e pandemia: Levantamento Bibliográfico

Para o escopo desta pesquisa foi realizado um mapeamento de artigos publicados em revistas e periódicos acadêmicos que contemplasse a percepção das crianças sobre o contexto de pandemia. Importante ressaltar que a pandemia causada pelo novo coronavírus diz respeito a um contexto novo e, deste modo, as teses ou dissertações sobre a temática estariam sendo produzidas concomitante a esta investigação. Foram examinadas as bases da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, mas, naquele momento, nenhum trabalho que encaminhasse o tema das crianças na pandemia foi encontrado.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de buscas no Google Acadêmico e na base *SciELO*. A partir dos descritores criança-pandemia, criança-COVID-19, criança-coronavírus, infância-pandemia, infância-COVID-19, infância-coronavírus foi encontrado um número expressivo de trabalhos. Os temas contemplavam ajudar pais e mãe com as crianças durante a pandemia, a educação remota, relatos de experiência de professores, o luto das crianças, os efeitos da

pandemia no desenvolvimento das crianças, entre outros temas. Foram encontrados oito estudos que contemplam a percepção das crianças sobre a pandemia (quadro 1). Todos os trabalhos foram realizados no ano de 2020 e, portanto, foram registrados também os meses de publicação do artigo científico.

Quadro 1: Levantamento Bibliográfico

Autor(es)	Data de publicação	Título
ALCOBIA; CLARO; ESTEVES.	20 de abril de 2020	O olhar das crianças/adolescentes sobre a pandemia Covid-19 e a psicologia
PONTE; NEVES.	03 de junho de 2020	Vírus, telas e crianças: entrelaçamentos em época de pandemia
SERRÃO; TREVISAN; SARMENTO.	17 de julho de 2020	Crianças Digital Influencers no combate à pandemia COVID-19
JOROSKY; DE BARROS.	30 de julho de 2020	Covid-19 na voz das crianças: impactos e desafios
SCHLINDWEIN; TRINDADE; LEAL, GYANE.	19 de novembro de 2020	Infância e pandemia: conhecimento nas ondas do rádio em Parintins/AM
FRANCO; SOARES.	28 de dezembro de 2020	“Um jeito negro de Ser e Viver”: (re) inventando a vida no contexto da pandemia da covid-19 – o que dizem as crianças negras e suas mães
NOAL; SILVA.	28 de dezembro de 2020	Crianças pequenas terena: reencontros ancestrais em tempos de pandemia
SANTOS.	28 de dezembro de 2020	Retratos da pandemia no bairro da Levada: infância e crise em um “bairro de periferia”

Fonte: MARTINS, 2021

Alcobia, Claro e Esteves (2020), pelo viés da psicologia e a partir das ferramentas possíveis dentro de casa, encontraram nas redes sociais – *WhatsApp* e *Facebook* – o caminho para perceber o olhar das crianças frente à crise da “quarentena”. O estudo foi realizado em Lisboa (Portugal), onde foi encaminhado um questionário nas redes sociais pessoais sobre a quarentena, em busca de respostas de crianças e adolescentes. A investigação contou com a participação de 23 crianças/adolescentes, com idade entre 4 e 18 anos. Algumas perguntas que compunham o questionário foram: o que significa o COVID-19 e o coronavírus? Estás em isolamento social ou quarentena? O que sente por não poder fazer as coisas que mais gosta fora de casa? De modo geral as autoras apresentaram a dificuldade do método de pesquisa utilizado na pandemia, contactando as crianças

e adolescentes pelas redes sociais e por aparelhos tecnológicos de seus pais. Afirmam que, em outro cenário, o contato ideal seria por meio das escolas. As autoras apresentam também o papel fundamental e urgente da psicologia em situações de crise, em buscar fornecer apoio especializado para reduzir *stress*, ansiedade e medo.

Ponte & Neves (2020) buscaram analisar os usos que as crianças fazem da tecnologia para falar sobre a pandemia do COVID-19. Por meio de câmeras de celulares, tablets e computadores as crianças partilham nas redes sociais – *Youtube* e *Instagram* – discursos sobre a pandemia que oferecem pistas para compreender o contexto. Na análise do material foram contemplados vídeos com o número de visualizações bem discretas e também de *youtubers* infantis, que são crianças que produzem para esta plataforma e possuem milhares de visualizações de seus vídeos. Alguns dos materiais analisados foram: o vídeo de Vinícius, menino baiano de 12 anos que encena uma ligação de telefone para o coronavírus e diz: “*se saia do Brasil coronavírus*”, já citado anteriormente alcançou milhares de visualizações. Arthur Farias, de 10 anos, possui o canal “Deixa de marmota” no *Youtube*, publicou o vídeo “Criança explica o coronavírus”. Juju Teófilo, cearense de 4 anos, protagonizou um diálogo com sua mãe sobre o coronavírus no *Youtube*. No canal de Vitor no *Youtube*, chamado Vitor Rw Kids, o menino protagoniza um médico explicando sobre cuidados com o coronavírus. De modo geral, os autores ressaltam que, mesmo que tenham a contribuição adulta na produção do material audiovisual, o protagonismo das crianças nos vídeos publicados na internet é uma realidade.

Serrão, Trevisan e Sarmiento (2020) discutem sobre crianças digital *influencers* frente à pandemia. Para reafirmar a participação política das crianças, trazem o exemplo europeu da ativista e *influencer* digital Greta Thunberg, adolescente que sentou frente ao parlamento sueco durante três semanas para protestar contra a falta de ação da crise climática. Os autores analisaram alguns vídeos propagados na internet durante a pandemia. No Brasil, Kaique Brito tem se destacado nas redes do *TikTok*¹⁹. O menino produz vídeos fazendo críticas ao presidente da República e questiona o posicionamento do político em relação a não respeitar as medidas de isolamento social em busca da contenção do vírus. Os

¹⁹ O *TikTok* é uma rede social de compartilhamento de vídeos curtos, com diversas possibilidades de edição, entre cortes, filtros, legendas, músicas, entre outras.

autores concluem ressaltando a possibilidade de a internet dar visibilidade a algumas crianças. “A comunicação digital, em suma, permite afirmar as crianças como sujeitos políticos singulares (...) apesar de elas estarem excluídas das formas representacionais das democracias liberais” (SERRÃO; TREVISAN; SARMENTO, 2020, p. 213).

O trabalho de Jorosky & De Barros (2020) foi realizado no contexto de uma disciplina de um curso de Pedagogia. A professora de uma disciplina do 7º período do curso do Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos (Unifio), cidade localizada no estado de São Paulo, sugeriu que as alunas de Pedagogia buscassem ouvir o que as crianças tinham a dizer. Foram realizadas sete entrevistas presenciais, com crianças próximas as alunas, que tomaram providências necessárias de higienização e distanciamento para evitar o contágio do vírus. Neste trabalho, é relatado a história de uma menina de 9 anos que troca cartas com uma amiga de sua rua, para se comunicarem, mesmo em tempos de uso intenso da tecnologia. Também é relatada a história de uma menina de 8 anos que diz: “o coronavírus é o que pica a gente e a gente fica triste”. Para as autoras, o relato indicou outra doença da atualidade: a dengue, causada pela picada do mosquito *Aedes Aegypti*. O material analisado produziu, além do artigo, uma *live* das autoras para discutir o que as crianças falam sobre a pandemia e um vídeo publicado no *Youtube* das entrevistas com as crianças.

O estudo de Schlindwein, Trindade e Leal (2020) teve como objetivo analisar as percepções de três crianças sobre o ensino remoto, não presencial, mediado por uma programação especial divulgada pelas ondas do rádio na zona rural de Parintins (AM). As crianças frequentam escolas de três regiões com realidades distintas: Comunidade Nossa Senhora das Graças do Maranhão; Comunidade São Pedro do Rio Marajó; Comunidade Bom Socorro. As autoras, por meio do aplicativo de *WhatsApp*, entraram em contato com a gerência pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Parintins, e os professores indicaram crianças para a realização da entrevista. Três crianças do 6º ano do Ensino Fundamental, com faixa etária de 12 anos, responderam um roteiro com quatro perguntas. Estas crianças, matriculadas entre o 4º e 9º ano do Ensino Fundamental, têm aulas de Língua Portuguesa e Matemática por meio de um projeto do governo e da prefeitura “Aprendendo em casa pelas ondas do Rádio”. As aulas duram 1h e a cada dia da semana são destinadas a um segmento, por

exemplo, segunda-feira são para o 6º ano, na terça-feira para o 7º ano, e assim sucessivamente. Ana, uma das crianças participantes, disse: “*Às vezes, é difícil entender o que a professora da rádio está falando, o mais fácil é quando ela vai explicando e eu vou logo respondendo.* (Ana, 12 anos, estudante)” (SCHLINDWEIN; TRINDADE; LEAL, 2020, p. 13). A partir das falas das crianças, as autoras apresentam o seguinte questionamento: como pensar em educação à distância em condições tão precárias?

Franco & Soares (2020) buscaram analisar como a vida das crianças negras - e de suas mães - de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Salvador (BA) tem sido (re)inventada no contexto da pandemia da Covid-19. Com o uso da tecnologia, as autoras buscaram escutar crianças negras entre quatro e cinco anos e suas mães. Foram analisados áudios e vídeos produzidos pelas crianças e suas famílias. As mães narraram a luta pela sobrevivência e as crianças apresentaram as atividades propostas pelas professoras e relatos de saudades da escola, das professoras e colegas. Por fim, as autoras afirmam que as crianças e as mães “trazem histórias de resistências, de esperanças, calcadas na ancestralidade africana como força motriz na manutenção da vida, na construção de insurgências” (FRANCO; SOARES, 2020, p. 1233) e, através de estratégias individuais e coletivas, apresentam um jeito negro de Ser e Viver.

Noal & Silva (2020) registraram as narrativas vividas e construídas por crianças pequenas indígenas residentes em quatro aldeias Terena localizadas no município de Miranda (MS), durante o período de março a setembro de 2020. As autoras, que não conseguiram estar presencialmente com as crianças, recorreram a parcerias com mães, pais, avós, professores e professoras e lideranças indígenas por meio de *WhatsApp*. Foi evidenciado, a partir das narrativas que chegaram para as autoras, que o cotidiano vivido durante a pandemia nas aldeias é encharcado de vivências com a natureza, e demonstraram também que as crianças não estão indiferentes e alienadas frente à doença. “O cotidiano das crianças se faz a cada dia, no ritmo de cada uma, mas os cuidados e as máscaras são parte de suas vidas que se fazem de somas, de misturas, de experiências vividas, de constante devir” (NOAL; SILVA, 2020, p. 1357).

Santos (2020) produziu um ensaio com o objetivo de retratar os modos de viver a infância durante a pandemia de crianças do bairro da Levada, em Maceió (AL). O distanciamento social não tinha rigor no bairro. A autora se aproximou

das crianças na praça e “brincava” junto com elas fotografando as brincadeiras. Por meio de registros visuais, Santos (2020) concluiu que as crianças do bairro da Levada continuaram a viver à infância fabulando, imaginando e brincando de uma maneira similar ao que faziam antes da pandemia. Destaca ainda que não significa que o vírus circulou menos no bairro, mas que as demandas sociais, econômicas, políticas e sanitárias se apresentavam mais urgentes do que pareceu ser o vírus.

Ao analisar os oito trabalhos citados, constata-se que a tecnologia, e mais especificamente as redes sociais – *WhatsApp*, *Instagram* e *Youtube* –, se apresentaram como aliados aos estudos para conhecer a percepção das crianças. Com exceção do estudo de Jorosky e De Barros (2020), que as estudantes de Pedagogia realizaram entrevistas presenciais, e o trabalho de Santos (2020) que a autora estava no bairro investigado no momento da pandemia, os outros trabalhos mencionados contaram com a mediação das redes sociais. Mesmo realizando entrevistas presenciais com as crianças, o material produzido pelas pedagogas resultou em uma *live* e na publicação de um vídeo no *Youtube* das entrevistas com as crianças. Ressalta-se ainda que os estudos de Ponte e Neves (2020) e Serrão, Trevisan e Sarmiento (2020) utilizaram a mesma estratégia metodológica: analisar o material que as crianças publicam nas redes sociais. Por fim, destaca-se a dificuldade de realizar pesquisa *com* criança no contexto pandêmico. A contribuição de mães, pais, familiares e professores que se fizeram parceiros na busca de contemplar as narrativas infantis foi fundamental para a construção dos estudos.

3.2

A etnografia virtual como caminho

Os ambientes virtuais se constituem como campo de pesquisa interessante, pois propicia que as interfaces comunicacionais sejam promotoras de um diálogo entre internautas, com a participação de diversas vozes que se entrecruzam e, colaborativamente, tecem saberes. (...) somos capazes de interagir nos ambientes virtuais, produzindo e disseminando textos, imagens, vídeos etc. com o objetivo de que outros internautas tenham a oportunidade de conhecer o que cada um tem a contar e a recontar. Afinal, podemos recontar a história do outro, reutilizando, da nossa própria maneira, arquivos digitais de outros usuários, nos reapropriando do conteúdo de forma a criar novos conteúdos (JUNIOR, 2013, p. 101).

Ao longo dos últimos anos a internet vem se apresentando como espaço potente para construir relações e, logo, para a pesquisa científica. No contexto de pandemia, os ambientes virtuais se apresentaram com mais força para se comunicar, para se divertir, trabalhar e fazer pesquisa. A etnografia virtual é um recente lócus de pesquisa, contudo, pesquisar por meio de ambientes virtuais não é totalmente novo. O que pode ser novo é o conjunto de viver o contexto de pandemia, produzir pesquisa *com* crianças neste contexto e utilizar o ambiente virtual como um caminho possível.

Apropriar-se da literatura sobre etnografia virtual configurou-se como possibilidade para essa realidade de necessidades novas e de um campo de pesquisa ainda sem denominação. Ressalto que este estudo não representa especificamente uma etnografia virtual, mas esta literatura aponta caminhos para a construção de uma nova metodologia.

A etnografia virtual é também conhecida como netnografia, webnografia, ciberantropologia e etnografia digital. Amaral (2009) esclarece que netnografia é mais utilizada por pesquisadores da área do marketing e da administração e, em contraposição, o termo etnografia virtual é adotado por pesquisadores da antropologia e das ciências sociais. Como o objetivo da autora não é traçar distinções e semelhanças entre os termos, também utilizarei netnografia, webnografia e etnografia virtual como sinônimos.

A etnografia virtual não busca transpor a etnografia para o ambiente digital. A distância física entre pesquisador e sujeitos pesquisados já propõe um desenho de pesquisa diferente. A etnografia virtual é específica do ciberespaço e uma forma de narrativa e interação também específicas. Para Mercado (2012), a etnografia virtual se propõe a estudar grupos e comunidades na internet, blogs, redes sociais, comportamentos nesses ambientes, formas de se relacionar e a análise de ambientes virtuais. O autor destaca que

Na etnografia virtual, a mediação tecnológica está presente durante todo o processo etnográfico, tanto na observação participante como no registro e construção de dados. A mediação técnica (registro textual, em áudio, fotografia e vídeo) é chave na pesquisa etnográfica porque fixa a experiência e descontextualiza a memória do observador, criando um novo contexto para análise. (MERCADO, 2012, p. 6).

Mercado (2012) ressalta os principais métodos de coleta de dados na pesquisa etnográfica virtual: entrevista on-line (principalmente informais e semiestruturadas), observação de interações mediadas pelas ferramentas

comunicacionais, documentos digitais, diário de campo virtual (blog), história de vida, grupos de discussão on-line, mapas cognitivos e registros visuais.

Junior (2013) busca as contribuições da abordagem dialógica de Bakhtin, a partir dos conceitos de dialogismo e alteridade, para pensar caminhos e possibilidades de compreender a etnografia virtual. Para o autor, na perspectiva bakhtiniana, o conhecimento é construído no encontro do pesquisador *com* o sujeito pesquisado, e não se faz sem a participação de ambos. “Essa ótica entende a pesquisa e a vida como indissociáveis, com pesquisador e sujeitos implicados em processos abertos e coletivos dialógicos que buscam entender cada vez mais e melhor a complexidade apresentada pelos acontecimentos da vida.” (JUNIOR, 2013, p. 102). Buscando tecer relação entre os conceitos discutidos por Bakhtin e a etnografia virtual, “a postura dialógica subentende que o pesquisador afete o outro e, ao mesmo tempo, se deixe afetar pelo outro em uma relação de cumplicidade e pertencimento construída entre eles” (JUNIOR, 2013, p. 100). Nesta mesma perspectiva, a alteridade “é reconhecer o encontro de alteridades nos ambientes virtuais, com sujeitos que têm muito a dizer e o fazem por meio de conversas *on-line*.” (JUNIOR, 2013, p. 102).

A pesquisa na internet pode acontecer na forma síncrona ou assíncrona. Síncrona diz respeito à atividade em que o comunicador e o receptor dialogam no momento presente: ambos precisam de acesso à internet para a comunicação *online*. A comunicação assíncrona acontece de outra forma: o comunicador e receptor não se falam no momento presente, mas há um diálogo e a conexão à internet também é necessária.

As ponderações a respeito da bibliografia sobre etnografia virtual levam a pensar que pesquisa mediada por ambientes virtuais tem potencial para construção do conhecimento. Desse modo, no caminho do que foi possível realizar no contexto de pandemia, coube buscar construir uma metodologia *com* as crianças mediada por plataformas virtuais.

3.3

A pesquisa e o percurso metodológico

A investigação acerca do tema da pandemia e da infância passa pelos desafios do contexto, o ineditismo de pesquisar com crianças em ambientes

virtuais e do meu adultocentrismo como uma questão a estar atenta. Em meio aos desafios impostos, a metodologia construída buscou não perder de vista o objetivo do estudo: conhecer o ponto de vista das crianças sobre o distanciamento social.

A relação estrutural entre adultos e crianças existe, mesmo o adulto-pesquisador reconhecendo e buscando superá-la. A reflexividade é sugerida como cerne da pesquisa com criança por Ferreira (2008):

Reflexividade essa que ao questionar as práticas de investigação e os processos de construção de conhecimento como processos sociais, não dispensa a vigilância e obriga à análise crítica dos obstáculos epistemológicos suscitados pela apreensão da categoria social infância, em especial, o adultocentrismo (...) Advogar a *reflexividade metodológica*, é então compreender como ambos, adultos e crianças, adultocentrismo e processos interpretativos, se influenciam, constroem, jogam e controlam no terreno das relações e interações sociais ocorridas. Ou seja, a noção de reflexividade é fulcral para desconstruir os essencialismos relativos àquelas duas categorias sociais. (FERREIRA, 2008, p. 11, grifos da autora).

Propor uma metodologia de pesquisa “nova” foi um processo de desafios e experimentações na abordagem qualitativa, observando o que daria certo e o que não daria certo na própria prática de pesquisar. Observando meu próprio adultocentrismo e considerando um contexto específico, a reflexividade metodológica configurou-se como um horizonte. O percurso metodológico contou com a amostragem “bola de neve” e metodologia de pesquisa com criança, mediada por ambiente virtual.

Para alcançar as crianças o contato estabelecido aconteceu por meio da metodologia “entre redes de contato”, também conhecida como “bola de neve” (*snowball*). A metodologia “bola de neve” tem início com uma ou mais pessoas de referência, nomeada por Vinuto (2018) como *sementes*, que introduzem contato entre o pesquisador e as pessoas que atendam ao perfil da pesquisa. Em seguida, os primeiros voluntários participantes indicam outras pessoas com as mesmas características - que atendam aos objetivos da pesquisa - para também participar. Esta abordagem possui algumas limitações, como não atender a populações muito grandes, acessar argumentações semelhantes (já que são redes de contato conhecidas) e omitir vozes que não fazem parte das redes de amigos (VINUTO, 2018). Mas, apesar das limitações, a metodologia bola de neve foi a mais viável para estudar o grupo crianças em contexto de pandemia.

Para a realização da pesquisa aqui apresentada, o fio condutor da bola de neve – ou *sementes* - contou com a colaboração de algumas integrantes do Grupo

de Pesquisa Educação, Museu, Cultura e Infância (GPEMCI/PUC-Rio) e redes de contato pessoais. Foram convidados adultos com filhos/as na faixa etária de 7-10 anos, com disponibilidade e interesse em participar da investigação. A escolha por crianças de 7 a 10 anos se deu por esta faixa etária possuir a linguagem verbal mais desenvolvida para estabelecer contato via recursos digitais. A produção dos dados aconteceu nos meses de junho e julho de 2020, período em que o distanciamento social se tornou uma obrigatoriedade pelas autoridades governamentais da cidade do Rio de Janeiro.

É preciso destacar que a elaboração dessa metodologia foi produzida frente à inexperiência de pesquisar com criança e, durante o processo de produção de uma nova metodologia, me reconheci enquanto pesquisadora e principalmente aprendiz. Para pesquisar com crianças é preciso criatividade para além de metodologias científicas mais recorrentes, como observação e entrevista. E, em contexto tão diferenciado, a busca por alternativas pertinentes foi ainda mais necessária. Em meio a idas e vindas, o caminho profícuo para escuta de crianças foi o mesmo que as pessoas se comunicavam no momento de pandemia: pelas mídias digitais, tomando como eixo norteador as relações afetivas com os pequenos sujeitos participantes.

Mercado (2012, p. 5) aponta que “outro objetivo da etnografia virtual é a criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo, mas atinja também um público extra-acadêmico”. Na perspectiva da criação do audiovisual na etnografia, a metodologia aqui proposta apoiou-se na construção de registros de vídeogravações²⁰ síncronas e assíncronas com as crianças. A intensificação da reflexividade metodológica e a utilização de recursos variados de comunicação com as crianças destacadas por Ferreira (2008) foi um norte para a construção e avaliação da metodologia construída.

As plataformas digitais utilizadas como condutoras da metodologia foram o *WhatsApp*²¹ e o *Zoom*²². A produção de dados com as crianças aconteceu por meio de troca de vídeogravação - entre pesquisadora e crianças – pelas plataformas. O

²⁰ Não é um objetivo discutir a distinção entre audiovisual e vídeogravação e, portanto os conceitos são utilizados neste estudo como sinônimos.

²¹ *WhatsApp* é um aplicativo de *software* utilizado para troca de mensagens, áudios, fotografias e vídeos instantâneos, e também de ligações por meio de áudio e/ou vídeo, através de conexão com a internet.

²² *Zoom* é um aplicativo de *software* de videoconferência, por meio de áudio e/ou vídeo, com necessidade de acesso à internet.

WhatsApp com troca de mensagens assíncronas e o *Zoom* com mensagens síncronas. Cada vídeogravação tinha uma abordagem específica, abordando temas como sentimentos, brincadeiras e saudades do dia a dia no contexto de pandemia, em busca de sensibilizar as crianças a narrar suas experiências e construir as propostas do estudo. Foram escolhidos temas para estreitar os laços com as crianças e temas que cercam o que é do humano. O desenho, a fotografia e a brincadeira foram os recursos utilizados para as expressões e para tentar compreender a percepção delas sobre o contexto, dando a opção de escolha da criança de qual registro gostaria de utilizar, ampliando também para outras escolhas de registro. As temáticas preestabelecidas foram pensadas para estabelecer um diálogo, respeitando a imaginação das crianças e compreendendo também que trabalhar com pessoas esbarra no caráter do imprevisível e exige flexibilidade em todas as propostas. Mais importante do que produzir os dados para a pesquisa, foi estabelecer um contato de confiança, respeito e interação com as crianças. Os “pontos de chegada” foram definidos de antemão, pela inexperiência e urgência em definir os procedimentos no formato digital, um processo de descobertas do caminho viável.

A primeira etapa da pesquisa aqui apresentada foi entrar em contato com as responsáveis explicando a pesquisa e convidando o/a filho/a a participar da investigação. Esclareço que todas as responsáveis eram mulheres e mães e, portanto, me refiro a esse grupo no feminino. O convite foi feito com cuidado e delicadeza, explicando os objetivos do estudo e ressaltando que não era pretensão interferir na rotina familiar ou se tornar um fardo para além do momento de pandemia. A fim de assegurar a segurança e o respeito em todos os aspectos éticos, as regras entre pesquisadora e pesquisados foram acordados no primeiro momento via áudio do *whatsApp*. Em seguida, foi enviada uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as mães, e o consentimento foi dado por meio de áudio. Ao continuar participando da pesquisa, a mãe declarou ter recebido as informações sobre a investigação e seus objetivos, e deu o consentimento para seu filho ou filha participar do estudo. Algumas mães aceitaram e seus filhos/as participaram, outras mães aceitaram, mas não participaram, e outras não aceitaram.

Após o contato e consentimento das mães, seguiu-se a comunicação com as crianças. No contato assíncrono (*WhatsApp*), foi enviado um vídeo às crianças

explicitando quem era eu, o que é pesquisa, qual era a investigação proposta e convidando-as a participar da investigação a partir da escolha de um nome fictício. O contato síncrono (*Zoom*) se deu simultaneamente com um grupo de 4 crianças e foi explicitado os mesmos aspectos do vídeo enviado às outras crianças no *WhatsApp* (apresentação pessoal, pesquisa, a investigação proposta e o convite para fazer parte da pesquisa), no entanto, com interações imediatas. Em sequência, outras seis atividades foram propostas (quadro 2).

Quadro 2: Etapas de sensibilização com as crianças

Etapa	Tema	Proposta
1º	Apresentação: a pesquisa, escolha do nome fictício e termo de assentimento.	Produzir um vídeo se apresentando, dizendo se aceita ou não participar da pesquisa e a escolha do nome fictício.
2º	Como estou me sentindo com a quarentena?	Escolher um emoji e desenhá-lo, depois gravar um vídeo explicando a escolha dos emojis e como eles expressam os sentimentos de estar em distanciamento social.
3º	Brincadeiras	Produzir um desenho, livro, teatro, ou outro material de escolha livre da criança para relatar as brincadeiras realizadas na quarentena.
4º	Cidade/saudade	Escolher duas fotos de lugares da cidade ou pessoas que estivesse com saudade e narrar sobre a saudade.
5º	Museu-Exposição	Realizar uma exposição de materiais que tem em casa, pode ser qualquer um, como desenhos, brinquedos, plantas ou outro material.
6º	Aprendizado da quarentena	Produzir um desenho, livro, teatro, ou outro material de escolha da criança para contar alguma coisa nova que fez ou aprendeu no distanciamento social.
7º	Agradecimento	Foi enviado as crianças um vídeo feito por mim agradecendo a participação na pesquisa.

Fonte: MARTINS, 2021

As sete etapas de atividades propostas para o desenvolvimento da pesquisa foram também caminhos de descobertas do possível e não tão possível. As quatro primeiras atividades foram bem recebidas e respondidas pela maioria das crianças. Da quinta etapa em diante o processo de resposta ficou lento. O que levou a compreender que, com o grupo de crianças investigado, não seria possível realizar todas as etapas e propostas apresentadas que, a princípio, pareciam mais fáceis de serem executadas. As propostas de produção de desenhos e a narrativa foram bem

recebidas e atendidas com maior engajamento, ao contrário de uma proposta mais elaborada como a montagem de exposição - atividade que demandava tempo e atenção das crianças. O dar à escuta da narrativa das crianças apareceu assim como o mais potente para a pesquisa.

Tinha clareza que não seria simples me aproximar de crianças por meio de mídias digitais, partindo do princípio que para estabelecer laços de confiança com pessoas que não conhecemos pessoalmente demanda tempo e atenção específica. A surpresa foi o acolhimento e engajamento da pesquisa pelas crianças, etapa que será apresentada no capítulo 4 da presente dissertação.

O processo de contato e de investigação aqui explicitado resultou em um universo de pesquisa que engloba 11 mães e 17 crianças. O número de crianças é maior que número de mães porque algumas famílias são compostas por duas crianças. Das 17 crianças convidadas, 6 não deram retorno e 11 aceitaram a proposta. Três crianças as mães aceitaram, no entanto, não prosseguiram com a participação até o final, chegando a 8 crianças participantes. O material produzido e analisado constitui-se em 30 fotografias da vida das crianças antes e durante a pandemia, 8 desenhos e 23 vídeogravações das crianças.

Por fim, escutar com atenção as produções e respeitar as indicações das crianças, valorizar os seus fazeres e dizeres, estabelecer uma relação na medida das possibilidades e da autorização das mães, foram alguns princípios éticos e metodológicos básicos. Ressalto que o percurso metodológico construído para este estudo suscitou mais perguntas do que respostas. Apresento a seguir algumas questões éticas suscitadas no estudo aqui apresentado.

3.4

Perspectiva ética na pesquisa virtual com criança: questões emergentes

A ética na pesquisa em ciências humanas se apresenta inicialmente como um conjunto de critérios que todas as pesquisas com pessoas precisam atender para garantir a segurança e respeito à dignidade humana – no sentido físico e psicológico - dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Os critérios de eticidade passam por instâncias das universidades, conhecidas como Câmara de Ética e/ou Comitês de Ética, que visam assegurar a

ética das pesquisas. Mas, que eticidade é garantida pelos órgãos institucionais? Os Comitês de Ética certificam a utilização dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os adultos e os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os menores de idade, sustentando as regras da pesquisa no papel. Os termos asseguram a confidencialidade e principalmente a garantia de riscos mínimos da pesquisa em relação à vida dos sujeitos envolvidos. Os termos de consentimento e assentimento foram utilizados na dissertação aqui apresentada, apesar de serem documentos que – por vezes – assustam até mesmo os participantes da pesquisa. Destaca-se ainda que foi respeitada a ética apresentada pelos documentos na realização desta investigação.

Os nomes fictícios foram escolhidos pelas próprias crianças participantes. No desenvolvimento desta pesquisa, a opção por usar nomes fictícios escolhidos pelas crianças foi primeiramente uma maneira de estabelecer contato inicial com as crianças. Por representar um trabalho realizado entre redes de contato, o anonimato também foi uma maneira de assegurar a identidade das crianças participantes. Em alguns momentos da produção de dados com as crianças, foram retomados os nomes escolhidos por elas. Foi intercalado entre chamar as crianças pelos nomes fictícios escolhidos e pelos nomes verdadeiros, intencionalmente, em tom de ludicidade, a fim de (re)afirmar o nome escolhido por elas. As crianças reconheceram os nomes escolhidos, como o nome da avó, dos ursinhos de pelúcia, de uma tia falecida e de jogador de futebol. Buscou-se contemplar fotografias em que o rosto das crianças não poderia ser identificado. Nos registros fotográficos que aparecem as crianças foram utilizados recursos da fotografia para não divulgar as identidades.

Mesmo com a utilização do TCLE e TALE, em uma pesquisa realizada *com* crianças mediada por plataformas virtuais em contexto de pandemia, que questões éticas são suscitadas? Os termos de consentimento/assentimento são suficientes para a eticidade de um contexto tão específico? As relações familiares estavam saudáveis para realizar atividades com uma pessoa diferente? Seria possível não interferir na rotina das famílias? Até que ponto valeria a pena seguir com o objeto de pesquisa sem ferir a dimensão do respeito? Foram algumas perguntas que permaneceram durante o processo da investigação. Em pesquisa com seres humanos as questões éticas já se apresentam necessárias e, na pesquisa *com* crianças, são suscitadas outras questões, preocupações e cuidados. E em contexto

de pandemia e afastamento social - produzir pesquisa com criança e com a interferência adulta, pois as famílias estavam juntas - a preocupação, o cuidado e o respeito foram redobrados. Deste modo, a dimensão ética foi uma preocupação que perpassou todo o processo de pesquisa, desde a construção do objeto até a produção e análise dos dados. A ética, neste sentido, se apresentou como questão emergente, que surge a partir do que um contexto e um campo tão específicos exigiram. Dessa forma, a ética é abordada neste estudo para além dos termos e comitês/câmaras de ética, buscando, assim, ampliar o debate para as crianças e o contexto.

A questão ética nas pesquisas com criança é uma temática que tem recebido o olhar atento de estudiosos da infância (FERREIRA, 2008; KRAMER, 2002, 2019; PEREIRA, 2015). Kramer (2019, p. 251) destaca “em todos os casos, a ética do pesquisador deve prevalecer sobre exigências burocráticas e autocráticas de sistemas e instituições na entrada, no processo da pesquisa e na saída”. A autora apresenta a *teoria* e a *sensibilidade* como exigência para manter relações de acolhimento e confiança entre pesquisadores e pesquisados. Ferreira (2008) aborda a preocupação com hierarquia na eticidade na pesquisa com adultos sobrepondo a eticidade nas pesquisas com crianças. Para a autora é necessário simetria ética, a preocupação igualitária na eticidade da pesquisa, com adultos ou crianças. Kramer et al. (2020) apresentam a ética do cuidado. Para as autoras:

O cuidado – de si, do outro, de todos – em especial das crianças – é uma questão de sobrevivência (...) A ética do cuidado é exigência para que a nossa esfera humana – nossa humanidade – não seja destruída. Ela significa presença do adulto, reciprocidade, vínculo, encontro.” (KRAMER et al., 2020, p. 15)

A ética é aqui entendida para além de formulário, regras e tópicos a serem listados em Termos de Consentimento ou Assentimento. A eticidade se apresenta como a sensibilidade e o respeito não só à segurança física, mas ao momento vivido e à rotina das famílias. O contexto de pandemia causou problemas psicológicos, como ansiedade e depressão, dificuldade financeira, desafio de conciliar o trabalho com afazeres domésticos, saudade dos amigos e familiares, tristeza e solidariedade ao lidar com a morte de milhares de pessoas no mundo, algumas parentes, vizinhos ou amigos, medo de ser ou estar infectado com o vírus, tédio, entre outros sentimentos e situações que são particulares a cada pessoa que vivenciou a pandemia e o distanciamento social. Ou seja, um momento

diferenciado que precisa de uma ética de pesquisa diferente da assinatura de papéis.

Considera-se que alguns cuidados com as famílias foram importantes no processo investigado. Caso a responsável não demonstrasse interesse ou mesmo tendo aceitado participar não respondesse as atividades proposta, não foi insistida a participação. Foi avaliada uma possível dificuldade de dizer “*não*” em um primeiro momento por parte das mães, mesmo sem a intenção de realmente participar da investigação. A recusa em participar da pesquisa foi justificada pela excessiva demanda de tarefas das crianças e das responsáveis. Algumas mulheres trabalhavam de casa, para além das tarefas de casa e cuidado com os filhos, e não poderiam assumir mais uma tarefa – transformando-se em um fardo. O contato com as mães foi constante, construindo uma relação de parceria, evitando e minimizando possíveis desconfortos e deixando claro que a desistência seria acolhida a qualquer momento. Ou seja, durante todo o processo foi esclarecido que poderiam desistir e perguntado com frequência se estavam confortáveis com a participação. A preocupação foi a de não se tornar uma intrusa em um momento tão delicado na história do mundo e das pessoas. O olhar ético foi construído no processo da pesquisa, com o viés da ética do respeito e da sensibilidade. Não insistir, não incomodar, não atrapalhar a rotina, foram algumas regras elaboradas, e que causou alguns prejuízos para o trabalho, como um número reduzido de participantes e de material produzido, mas que garantiu a ética do respeito.

4

A narrativa das crianças sobre a pandemia

O seu olhar
seu olhar melhora,
melhora o meu...
Arnaldo Antunes

A pandemia do novo coronavírus transformou o ano de 2020 em um ano atípico. A necessidade de passar mais tempo em casa em busca da contenção do vírus transformou este ano em uma experiência distinta. As crianças, como sujeitos que estão no mundo, também viveram os dias com o vírus. Frente a esse cenário, o que dizem as crianças sobre a pandemia causada pelo novo coronavírus? Como as crianças estão se sentindo? O que as crianças têm entendido sobre o momento de pandemia? O que as crianças fizeram em casa nesse contexto? Crianças estão tendo a oportunidade, em casa, de momentos de diálogo e explicação sobre o contexto de pandemia? Como as crianças se adaptaram à nova realidade? Pensando em diferentes infâncias, como as crianças têm vivido os dias de distanciamento social em casa? Com o intuito de responder as indagações elencadas, este capítulo apresenta os dados produzidos pelas crianças, em diálogo com o referencial teórico apresentado nos capítulos 1, 2 e 3.

Mas, como colocar em palavras o que não é produzido por meio de palavras? O percurso metodológico do estudo aqui apresentado buscou um diálogo entre a etnografia virtual e as metodologias de pesquisa com crianças. Deste modo, conforme sinalizado anteriormente, foi então construída uma metodologia de pesquisa *com* criança mediada por plataformas virtuais, por meio de sete etapas de sensibilização e contato com as crianças pelas plataformas *Zoom* e *WhatsApp*. Para chegar até às crianças foi utilizada a metodologia bola de neve, a partir das redes pessoais de contatos que indicam pessoas com o perfil da pesquisa para participarem. Os dados produzidos foram categorizados previamente por temáticas para estabelecer contato com as crianças, mas, como analisar esta produção previamente categorizada valorizando as narrativas infantis?

Com os temas pré-estabelecidos para cada contato com as crianças, foi preciso atenção na análise e produção das categorias do material elaborado. Buscando manter o cuidado e a responsabilidade com a pesquisa científica e com

as produções e narrativas infantis, os dados produzidos foram visitados e revisitados. Não se tratava de “encaixar” as narrativas e as produções das crianças nas abordagens previamente estabelecidas, mas de olhar para as produções das crianças, retomar as questões norteadoras deste estudo com as lentes teórico-metodológicas para, assim, construir categorias de análise. As categorias criadas a partir das questões suscitadas no campo foram (i) as situações referentes a encontros por meio de telas e (ii) o olhar das crianças para o contexto de pandemia.

Importante ressaltar que, mesmo buscando ver, rever e transver as produções das crianças, o envolvimento com cada criança e a imersão no contexto de pandemia foi uma realidade que se impôs durante a produção e interpretação dos dados. Nesse sentido, ressalta-se as palavras de Moraes (1999, p. 9) que “a análise de conteúdo é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação”. A partir da minha interpretação do olhar e das vozes das crianças, este capítulo apresenta as narrativas infantis sobre o contexto de pandemia.

4.1

As crianças investigadas

Quem são as crianças investigadas? Ana, Alice, Bobby, Daysi, Messi, Pedrinho, Rodrigo e Tales foram as crianças participantes deste estudo. Como já sinalizado, os nomes são fictícios e foram escolhidos pelas próprias crianças. Durante o processo de convidar as mães para que as crianças participassem da pesquisa, algumas crianças foram convidadas, mas não participaram. Desse modo, as crianças que foram convidadas, mas não participaram tiveram os nomes fictícios escolhidos por mim. Na figura 1 são explicitados os nomes de todas as crianças. Importante destacar que Ana e Alice são irmãs, assim como Bobby e Pedrinho, que são gêmeos. Buscou-se estabelecer uma relação individualizada com cada criança, mas com as crianças que moravam na mesma casa o contato estabelecido foi o mesmo. Assim como o encontro com Ana, Alice, Rodrigo e Tales se deu simultaneamente, por serem crianças que já se encontravam para

fazer atividades escolares. Encontrar e manter contato com os meninos e meninas foi um processo que será relatado neste item.

A metodologia em bola de neve foi o caminho de pesquisa traçado aqui. O primeiro contato, dificultado devido à configuração da pandemia, foi estabelecido com as mães das crianças, porque os meninos e meninas são menores de idade. Algumas mães trabalhavam em *homeoffice* e estavam com a rotina corrida, e, mesmo as mães que não trabalhavam - fora das tarefas domésticas - relataram dificuldade para conciliar as tarefas domésticas, cuidar de crianças, acompanhar as atividades escolares e participar da pesquisa no período pandêmico.

A amostragem em bola de neve é útil para pesquisar grupos de difícil acesso (VINUTO, 2018), como as crianças no contexto de pandemia. Vinuto (2018) esclarece que a bola de neve tem como pontapé inicial os informantes-chave, denominado por ele de *sementes*. As sementes facilitadoras do contato foram as minhas redes de contato pessoal e o GEPEMCI. Em seguida, é solicitado dos participantes iniciais que indiquem outras pessoas, com o mesmo perfil, para participar do estudo (VINUTO, 2018). No entanto, neste estudo, apenas uma mãe que aceitou participar do estudo indicou outra família para participar.

O processo de acionamento das mães das crianças está explicitado na figura 1 e os nomes utilizados foram das crianças porque as mães não são foco deste estudo. No total, foram 8 crianças participantes do processo de pesquisa proposto. Três crianças iniciaram a participação, mas desistiram, Rebeca e João Martins, que são irmãos, participaram de um teste piloto, e 6 crianças foram convidadas, mas não participaram, com a justificativa, segundo as mães, da correria de viver o contexto de pandemia em casa.

Destaca-se ainda que não foi possível alcançar a realidade social e econômica das crianças participantes. Sabe-se que variavam entre crianças que frequentam escolas públicas e escolas privadas, mas não é possível afirmar o contexto socioeconômico em que fazem parte.

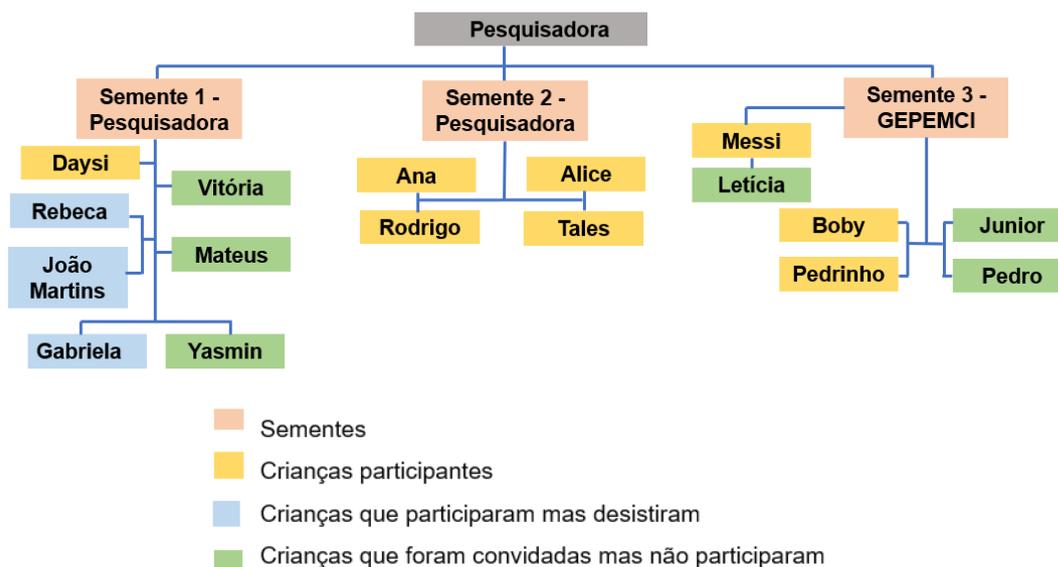


Figura 1: As crianças acionadas para produção de dados da pesquisa
 Fonte: MARTINS, 2021.

4.2

O encontro – por tela – com as crianças

Encontro pode ser definido como o ato de um sujeito chegar diante de outro sujeito, e encontrar-se por tela foi o novo jeito de manter contato com as pessoas na pandemia. O encontro por tela de computadores e *smartphones*, encontro *online* ou encontro mediado por plataformas virtuais, é um encontro diferente de um encontro com a presença física dos sujeitos no mesmo espaço e tempo. Em encontros realizados em plataformas como o *Zoom*, as pessoas estão ao mesmo tempo estabelecendo contato, embora cada um esteja no seu espaço. Já no *WhatsApp*, o contato acontece com as pessoas em espaço e tempo distintos. Mas, em ambos os casos permanece sendo um encontro porque os sujeitos chegam diante de outros sujeitos. Para Junior (2013, p. 104), “a conversa mediada pelo computador é uma estratégia metodológica capaz de proporcionar o encontro entre pesquisador e sujeitos, e dar visibilidade sobre os assuntos produzidos e compartilhados pelos internautas nos ambientes virtuais”. As relações estabelecidas em encontros por tela são relações digitalizadas, que possuem limitações, mas também potencialidades. Serão destacados neste item alguns aspectos dos encontros por tela com as crianças durante a produção da pesquisa de campo.

Os *softwares* desenvolvidos para ligações de vídeo (*Zoom* ou ligações de vídeo-chamada no *WhatsApp*) permitem um contato onde é possível ver e ouvir a pessoa no mesmo instante. No entanto, não é possível sentir o cheiro, ouvir a voz sem as distorções do computador ou ver todo o corpo da pessoa se movimentando enquanto fala. Este aspecto é destacado por Mercado (2012), ao afirmar que a distância física entre pesquisador e sujeitos pesquisados na etnografia virtual já indica um desenho de pesquisa diferente em relação à pesquisa físico-presencial. Em vídeo-chamadas as pessoas estão presentes no mesmo instante, mesmo que cada um no seu espaço ou caixinha (Imagem 3).



Imagem 3 - Brincando de vivo ou morto pelo Zoom
Fonte: MARTINS, 2021

O espaço domiciliar é um espaço privado, que as pessoas realizam suas tarefas diárias como comer, dormir, necessidades fisiológicas, e é também o lugar de guardar os pertences pessoais. Este espaço que é a princípio reservado, durante o período pandêmico e encontros realizados por tela, continua sendo o espaço particular de cada pessoa, mas também é um espaço que foi publicizado. De certo modo, no contexto vivido, entramos na casa das pessoas e as pessoas entraram na nossa casa, porque cada um fala do espaço de casa durante encontros *online*. A conexão à internet é um aspecto a ser destacado em encontros por tela ao adentrar a casa das crianças.

Valeria: Tá ouvindo Tales?

Tales: Tô ouvindo

Tales: Minha internet tá muito ruim

(Contato por Zoom, 12 de junho de 2020)

Especificamente no encontro realizado pelo *Zoom* no dia 12 de junho de 2020, Tales estava conectado pelo celular do seu irmão, mas a conexão fraca à internet não permitiu que o menino participasse de todo o encontro. O objetivo do encontro era conversar sobre saudade, mas a conexão “caindo” não permitiu que Tales ouvisse e nem falasse. Tales estava, mas ora ou outra saía do encontro no *Zoom*. Tales utilizava o celular do irmão para participar dos encontros e ter uma internet estável se tornou um requisito para se comunicar com as pessoas. Na perspectiva bakhtiniana, Junior (2013) acredita no diálogo como imprescindível nas conversas mediadas por tela. Contudo, sem a conexão à internet, ou com a conexão falhando, o diálogo – que pressupõe escuta e fala - não acontece.

A familiaridade das crianças com os objetos tecnológicos também ficou evidente nos encontros tanto pelo *Zoom* quanto pelo *WhatsApp*. As mães conectavam a criança ao aparelho eletrônico (celular, *notebook* ou computador), mas as crianças sabiam ligar e desligar a câmera e microfone, e sabiam voltar para o encontro quando a conexão à internet as retirava do grupo. Importante destacar que não são todas as crianças brasileiras que possuem acesso a celulares e computadores e, do mesmo modo, não são todas que possuem familiaridade com estes objetos. Em relação ao *WhatsApp*, que não era conectado ao vivo com as crianças, também ficou evidente o conhecimento da plataforma especialmente pela fala do menino que se autodenominou de Messi: *ô Valeria eu não sei se você sabe por que tem um limite de vídeo, aí eu vou mandar esse primeiro e minha mãe*

vai mandar o que eu tava fazendo. (Dados da pesquisa, *WhatsApp*, 13 de julho de 2020). Messi gravou um vídeo que ficou grande, não conseguiu enviar por completo no *WhatsApp* e foi necessário que gravasse outros pequenos vídeos para conseguir comunicar sua fala e enviar. Por fim, foram enviados três vídeos, incluindo o vídeo grande que antes não foi enviado.

Destaca-se ainda que os dados produzidos junto às crianças não apresentam a realidade da vida dos meninos e meninas. Como salientado por Garcez et al. (2011, p. 256), “registros audiovisuais não são evidência do real; são produções quase tão subjetivas e pessoais quanto o diário de campo, e isso precisa ser levado em conta no momento da análise”. As crianças apresentam alguns pontos da vida, um recorte de suas vidas durante o período de distanciamento social.

O encontro por tela com as crianças possui limitações, desafios, mas também possibilidades de produção de conhecimento em um momento caótico na história da humanidade. Eu e as crianças brincamos de adedanha, de vivo-morto, criamos histórias e compartilhamos experiência de viver a pandemia. Foi encontrado na brincadeira e no diálogo o caminho para construir relação e a pesquisa. A imagem de Pedrinho, retirada de um vídeo por ele enviado, demonstra o menino compartilhando um de seus desenhos sobre sentimentos.



Imagem 4 - Pedrinho apontando para o desenho de *emoji* e contando como se sente
Fonte: MARTINS, 2021

4.2.1

“Eu não quis fazer nada que você falou”: caminhando juntos na metodologia

Desenhar, escrever, fotografar, filmar, teatralizar foram algumas das opções de propostas para as crianças produzirem o material. O meu lugar de adulta quis oferecer várias opções de registro para as crianças, com a possibilidade de escolha ou elaboração de uma outra proposta. O objetivo era construir junto com as crianças os caminhos a serem percorridos na metodologia. No entanto, mesmo oferecendo um leque de opções, algumas crianças não optaram pela minha proposta. Bobby disse: *Eu não quis fazer nada que você falou, mas eu gostei das ideias. A gente também brincou, esse daqui eu vou mostrar o que eu gosto de fazer.* (Contato por WhatsApp, 04 de junho de 2020). E o menino mostrou diversos livros que tinha feito no formato *flip book*²³.

Messi, também não acatou a opção de desenhar *emoji* para falar dos sentimentos. O menino preferiu fazer “carinha” (imagem 5) e disse: *“Eu não quis fazer o emoji tradicional, eu quis fazer carinha”*. (Contato por WhatsApp, 11 de junho de 2020).

As escolhas das crianças levaram a alguns questionamentos: por que duas crianças não acataram a minha proposta? As crianças não gostaram das minhas sugestões? Ao refletir sobre as escolhas de Bobby e Messi, foi possível pensar na liberdade de escolha das crianças e sobre seus repertórios. Era preciso ter clareza de que os meninos e as meninas foram convidados a participar do estudo, do jeito que optassem por participar. As crianças ao optarem por suas escolhas deram pistas que possuem um rico repertório, que se laçam sobre diversos materiais que tem acesso e as referências que já possuem. Além disso, assumem o protagonismo frente as propostas que são feitas e como realizam. As crianças apontavam para uma liberdade, para estar à vontade frente às propostas apresentadas, assim como indicava que a metodologia estava sendo construída junto, apostando no protagonismo infantil.

O acolhimento das propostas das crianças corrobora com a ideia de Ferreira (2008):

Trata-se de levar a sério a voz das crianças, reconhecendo-as como seres dotados de inteligência, capazes de produzir sentido e com o direito de se apresentarem

²³ *Flip book* também é conhecido como folioscópico, Constitui-se de uma seleção de imagens organizadas em um pequeno livro e que cria uma sequência de imagens que se movem.

como sujeitos de conhecimento ainda que o possam expressar diferentemente de nós, adultos; trata-se de assumir como legítimas as suas formas de comunicação e relação, mesmo que os significados que as crianças atribuem às suas experiências possam não ser aqueles que os adultos que convivem com elas lhes atribuem. (FERREIRA, M. 2008, p. 148).

A reflexão de caminhar junto apontou também o olhar para si e para a necessidade de lidar com meu próprio adultocentrismo. Mesmo buscando mudar o olhar para a lógica das crianças, oferecendo desenhos, brincadeiras ou fotografias, não é possível – eu adulta - alcançar totalmente a lógica singular infantil. O meu papel enquanto pesquisadora foi acolher as ideias das crianças e se (re)pensar o tempo inteiro enquanto pesquisadora que se propôs a estudar *com* as crianças.

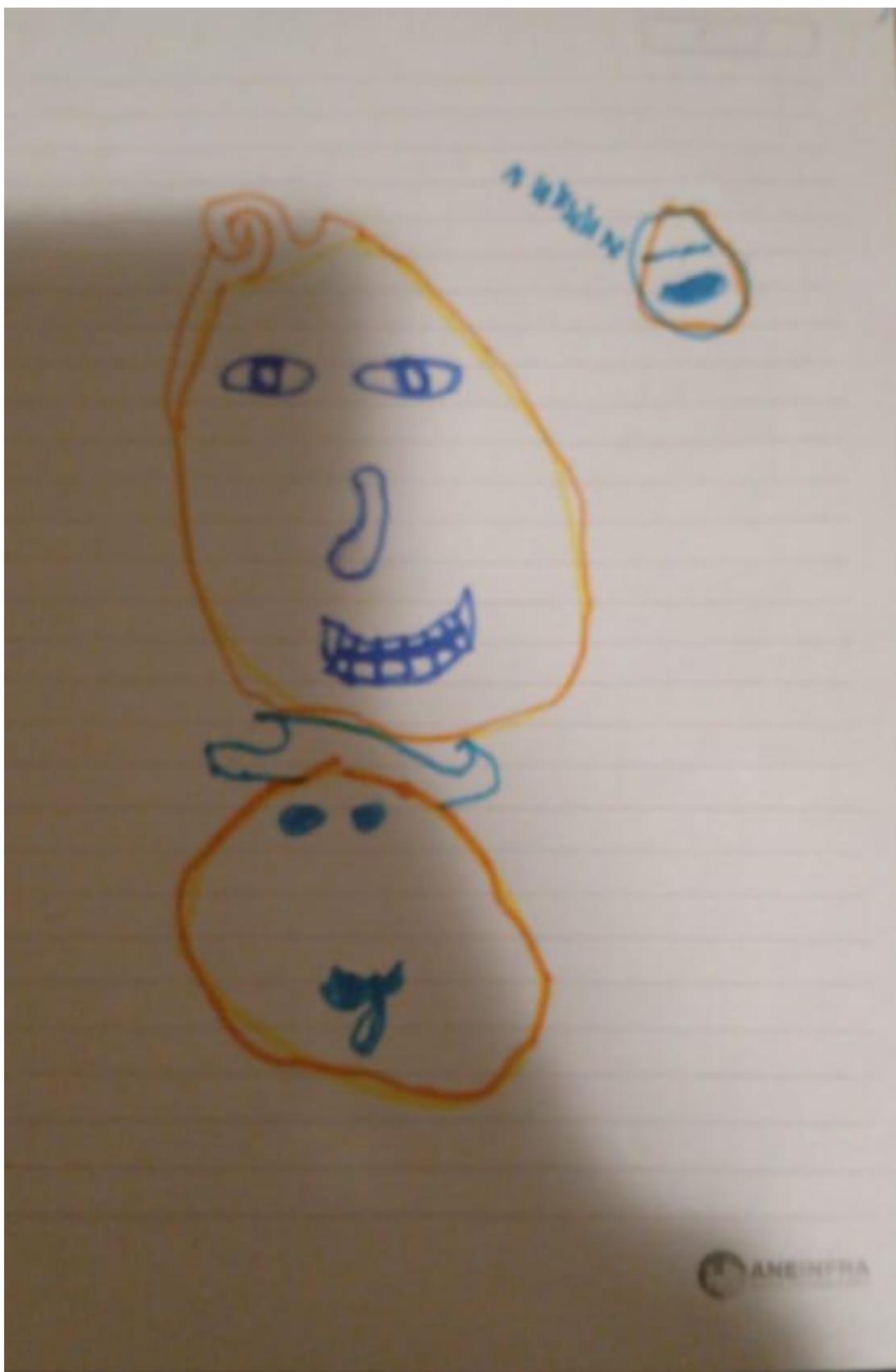


Imagem 5: Desenho da carinha de Messi
Fonte: MARTINS, 2021

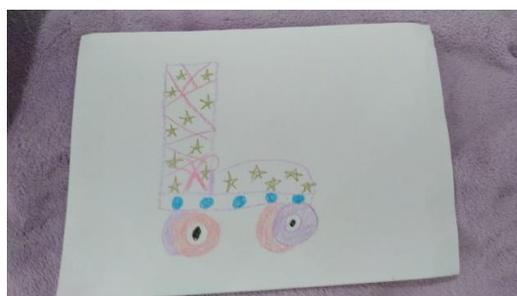
4.2.2

“Eu quero saber o nome do seu cachorro”: tornar-se uma adulta atípica

Durante o processo de produção de dados para a pesquisa foram feitas perguntas sobre a pandemia para as crianças. Em busca de aproximar a relação com as crianças, foi adotada a estratégia de abordar outros temas que não envolviam a pesquisa. Os gêmeos Bobby e Pedrinho encaminharam vídeos com toucas de animações de desenho. Ao retornar com outro vídeo para os dois meninos, encaminhei com um chapéu e brincamos de falar de chapéu e toucas.

Messi enviou um vídeo com a participação de seu cachorro: “*Valeria, esse é o meu cachorro Trovão*” (Contato por *WhatsApp*, 14 de junho de 2020). Em seguida contei que eu também tinha um cachorro. O menino pareceu interessado em falar deste tema. “*Eu quero saber o nome do seu cachorro, e também o meu cachorro se chama Trovão. Tchau.*” (Contato por *WhatsApp*, 26 de junho de 2020). A partir da conversa sobre cachorros, ficou combinado, em algum momento, que nossos cães poderiam ser amigos.

No contato com Daysi, a menina mostrou os patins nos pés pela vídeogravação e também enviou o desenho dos seus patins, como no *emoji* dos patins. Daysi também quis contar da sua vida, mesmo que não tenha perguntado. “*Esse aqui eu tentei desenhar meu patins porque eu vi emoji de patins e aí eu tentei desenhar meu patins porque eu tô andando todo dia com ele, olha só*” (mostra o patins nos pés pela vídeogravação). (Contato por *WhatsApp*, 02 de junho de 2020). A menina estava usando seus patins em casa durante o período de distanciamento social e quis deixar registrado no desenho, na fotografia enviada e na vídeogravação.



Imagens 6 e 7 - Patins e desenhos dos patins da Daysi
Fonte: MARTINS, 2021

As crianças falaram também de outros assuntos para além do que era perguntado ou proposto. Conversar com as crianças sobre outros temas tem inspiração na proposta de tornar-se uma adulta atípica, conforme sinalizado por Corsaro (2005). O autor apresenta alguns desafios na etnografia com crianças pequenas, como as diferenças óbvias entre crianças e adultos: diferenças comunicativas, cognitivas, de poder e o tamanho físico. Tendo ciência de tais desafios, Corsaro (2005), na realização de suas pesquisas de campo com crianças, em estudos de cunho etnográfico, buscou se desviar dos desafios por meio de uma estratégia metodológica: a entrada “reativa”. O autor percebeu na observação de adultos e crianças na pré-escola que adultos têm dificuldade de iniciar conversas com as crianças e não aceitam as respostas mínimas dos meninos e meninas. A partir desta constatação, Corsaro (2005) buscou se distanciar da visão de adulto comum.

A entrada “reativa” do autor significa se comportar como adulto atípico. Durante a entrada de campo no contexto pré-escolar, para realização das pesquisas realizadas nos Estados Unidos e na Itália, Corsaro (2005) procurou ocupar áreas dominadas pelas crianças como caixa de areia, casas de boneca, – observando – e esperando que as crianças reagissem a sua presença.

No presente estudo não foi uma pretensão se fingir ser criança, mas buscar estratégias para construir relação e me aproximar das crianças. A pergunta de Messi “*qual o nome do seu cachorro?*” corrobora situações evidenciadas por Corsaro (2005). As crianças investigadas por ele perguntavam “Quem é você?”; “Cê é professor?”; “Cê é um pai?”; “Cê tem irmãos?”. As perguntas sobre irmãos indicam que as crianças passavam de questionamentos gerais sobre características adultas para perguntas que as crianças costumam fazer umas às outras, assim como Messi perguntando sobre cachorro. É preciso declarar que quis conhecê-las e as crianças também queriam saber mais da minha vida e contar das suas vidas.

4.3

O que dizem as crianças sobre a experiência de viver a pandemia

O contato inicial com as crianças foi estabelecido e a relação ética, de respeito e cuidado foi constituída. Logo de início, as crianças falaram sobre o dia

a dia da vida com o vírus. O que era o vírus, a necessidade de se afastar da família e dos amigos, usar máscara e álcool em gel, a preocupação, o tédio e a saudade. Para Alice, os dias da semana se misturavam e a menina relatou: “*Tava achando que todo dia era sábado*” (Contato por Zoom, 12 de junho de 2020). Com a obrigatoriedade de isolar-se em casa para proteção contra o vírus, na compreensão de algumas crianças, os dias eram todos como sábado. Nos itens a seguir serão relatados aspectos destacados pelas crianças participantes desta pesquisa sobre viver a vida na pandemia.

4.3.1

“Mãe, você sabe que sou paranoica, me explica o que é o coronavírus”: em busca de interpretar o contexto

As crianças estão tendo a possibilidade, em casa, de diálogo e explicação sobre o contexto de pandemia? Em um encontro pelo aplicativo Zoom com quatro crianças, Ana e Alice participavam e a mãe das duas meninas passava pelo encontro ao fundo da tela e, em alguns momentos, sentava para participar junto ou apenas observar o que estava acontecendo durante o encontro. Em determinado momento, conversei com as crianças sobre o desafio do contexto de pandemia, da confusão de compreender o cenário e o que cada um fazia em casa para amenizar os dias ruins. Ao indagar como estavam se sentindo na confusão do cenário pandêmico, Alice respondeu: “*Paranóica, no começo eu fiquei muito paranóica*” (Contato por Zoom, 02 de junho de 2020). Ao escutar a resposta, a mãe de Alice (e Ana) se manifestou na conversa afirmando que teve que esclarecer o cenário para uma das filhas: “*A Alice no início falou “mãe você sabe que fico paranoica com as coisas, me explica o que é o coronavírus”*” (Contato por Zoom, 02 de junho de 2020).

O adulto que interfere e fala pela criança faz parte e integra uma concepção de infância enquanto in-fans, aquele que não fala (KRAMER, 2002). Havia, no encontro mencionado, limites na relação, e eu não podia falar para a mãe não participar da atividade proposta. Contudo, não quero me ater à interferência adulta na pesquisa e sim ao esforço de Alice em buscar compreender o que estava acontecendo. Quando a menina pede à mãe para explicar o que é o coronavírus,

Alice diz que está tentando compreender o mundo e atribuir sentido ao mundo adulto. Ela criança não compreende, mas a mãe – adulta – compreende (ou tenta compreender); portanto, é preciso que explique a sua filha o que é o coronavírus. A tentativa de Alice em compreender o mundo corrobora com o trecho sobre reprodução interpretativa de Corsaro (2011):

A reprodução interpretativa encara a integração das crianças em suas culturas como reprodutiva, em vez de linear. De acordo com essa visão reprodutiva, as crianças não se limitam a imitar ou internalizar o mundo em torno delas. *Elas se esforçam para interpretar ou dar sentido a sua cultura e a participarem dela.* Na tentativa de atribuir sentido ao mundo adulto, as crianças passam a produzir coletivamente seus próprios mundos e culturas de pares. (CORSARO, 2011, p. 36, grifo meu).

O contexto de pandemia representa um cenário novo para adultos e crianças. Como vivemos em uma sociedade que valoriza os adultos como os que sabem sobre o mundo e as crianças como as que não sabem, a fala de Alice representa a sua incompreensão sobre o vírus, assim como de muitos adultos, porque pouco se conhece sobre ele, e é possível dizer que muitos adultos também ficaram paranoicos; o coronavírus colocou os adultos no lugar dos que também não sabem, porque ainda se sabe pouco sobre o vírus.

4.3.2

“Tá tudo bem pra mim, só que às vezes eu fico preocupado”: alguns sentimentos do distanciamento social

Como as crianças estão se sentindo no distanciamento social? O que as crianças fazem em casa? O que as crianças têm entendido sobre o momento de pandemia? A estratégia de desenhar *emojis* para expressar os sentimentos de estar em distanciamento social ou quarentena foi uma estratégia que aponto como potente. As crianças demonstraram interesse em falar sobre seus sentimentos, sobre a preocupação com o vírus e sobre estar em casa.

Boby: Algumas vezes eu fico feliz por causa que eu fico fazendo umas coisas legais, como desenhar, eu fico feliz aqui em casa com minha família. Algumas vezes eu não tenho muita coisa pra fazer, algumas vezes eu fico triste, outras eu fico com sono, algumas vezes eu fico muito feliz assim (aponta para o *emoji* feliz). E aí aqui eu desenhei um *emoji* com a máscara de coronavírus e aqui o coronavírus do mal.

(Contato por *WhatsApp*, 02 de junho de 2020).



Imagem 8 - Desenho de *emoji* do Bobby
 Fonte: MARTINS, 2021



Imagem 9 - Desenho de *emoji* do Pedrinho
 Fonte: MARTINS, 2021

Bobby fez a opção por desenhar um *emoji* com máscara, que no momento de envio da vídeogravação ainda não existia na lista de *emojis*. Vigotski (2009) destaca a criação e imaginação a partir da realidade. O menino juntou o *emoji*

“tradicional” que já existia, no formato circular e amarelo, com uma característica da realidade: a necessidade de usar máscara para se proteger de contrair o novo coronavírus.

Rodrigo e Pedrinho demonstraram preocupação e tristeza com o contexto. Rodrigo disse: *“tô triste porque não gosto do coronavírus, feliz porque ganhei vídeo game e raiva porque as pessoas estão morrendo”* (Contato por Zoom, 02 de junho de 2020). Naquele encontro indaguei se durante o contexto vivido havia algum momento que as crianças gostaram e Rodrigo respondeu: *“O único de bom foi que ganhei um vídeo game, mas não tem nada a ver com coronavírus, ganharia de qualquer forma”* (Contato por Zoom, 02 de junho de 2020).

Já Pedrinho demonstrou preocupação *“tá tudo bem, tá tudo bem pra mim, só que às vezes eu fico preocupado como esse emoji aqui, assim com máscara (...) sabe o que eu acho legal, tudo tá de cabeça pra baixo”* (Contato por WhatsApp, 02 de junho de 2020). O menino fez referência ao seu desenho em que os *emojis* estavam de cabeça para baixo. A fala de Pedrinho demonstra humanidade. Para nós, adultos que igualmente vivemos a pandemia, foi recorrente buscar estratégias para sentir-se bem e mesmo assim ficar preocupado com o contexto.

As falas e desenhos das crianças apontam a preocupação causada pela pandemia. Mas, evidenciam também conhecimentos construídos sobre o momento vivido, bem como o sentimento que as acompanha no contexto pandêmico. Neste sentido Pinto (1999, p. 65) chama atenção: “as crianças têm algum grau de consciência dos seus sentimentos, ideias, desejos e expectativas, que são capazes de expressá-los e que efetivamente os expressam, desde que haja alguém que os queira escutar e ter em conta”.

O trecho enviado por Daysi representa o dia a dia da menina com relação a diversos aspectos.

Daysi: Eu fiz todos os *emojis*, eu vou começar com esse aqui ó: esse aqui eu fiz porque eu tô triste porque eu não posso sair, ver meus amigos, ir para escola e não poder brincar nos lugares que eu gosto. *Esse aqui eu fiz porque a gente tem que sair de casa com máscara para não passar e nem pegar o vírus*. Esse aqui eu fiz porque eu gosto de ficar com a minha família, eu gosto de brincar muito, eu tô brincando muito aqui em casa, tô fazendo os deveres da escola, tô vendo TV, tô fazendo um monte de coisa. Esse aqui tentei desenhar meu patins, porque eu vi o *emoji* de patins e aí eu tentei desenhar meu patins porque eu tô todo dia com ele, olha só (mostra o patins para a câmera).
(Contato por WhatsApp, 02 de junho de 2020, grifo meu).

No período de realização do trabalho de campo desta pesquisa - meses de junho e julho de 2020 – os moradores da cidade do Rio de Janeiro viviam cerca três meses de distanciamento social. O trecho grifado da fala de Daysi aponta que a menina já compreendia algumas regras da vida com o COVID-19. Usar máscara ao sair de casa além de ser uma proteção com a própria vida é também com a vida do próximo.



Imagem 10 - Desenho de *emoji* com máscara da Daysi
Fonte: MARTINS, 2021

4.3.3

“Cansada de ficar imaginando com o que brincar, já brincamos de tudo”: o emparedamento em casa

O que as crianças fizeram em casa durante a pandemia? Do que brincaram as crianças durante o distanciamento social? Vigotski (2009) ressalta a necessidade de adaptação do homem ao ambiente. Para o autor, a criação surge a partir da necessidade, crises e desafios. A crise sanitária da pandemia provocou mudanças na vida das pessoas e a necessidade de adaptação à uma realidade diferente. Para permanecer em casa por um longo período foi preciso ressignificar os espaços de casa. E, que criações foram possíveis neste momento de crise? Que brincadeiras as crianças brincaram? No contato com as crianças, elas relataram que brincaram, assistiram filme, passaram tempo com a família e também foi ressaltado o tédio causado pelo momento pandêmico.

As crianças investigadas, em conjunto com as famílias, ressignificaram os espaços de casa, realizando muitas brincadeiras a partir das possibilidades de cada realidade. Daysi ressaltou por meio de um desenho algumas das atividades que desenvolvia: ouvir música no celular, brincar com sua gatinha, fazer receitas e brincar de cabra cega com a mãe (Imagem 11).

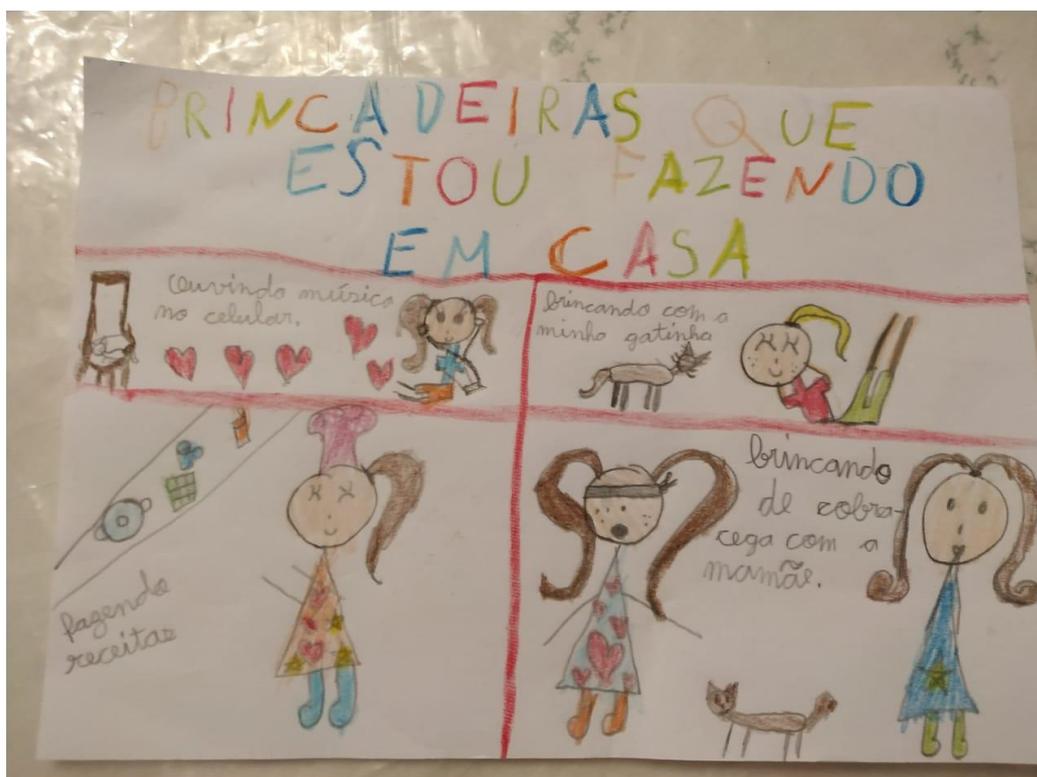


Imagem 11 - Desenho das brincadeiras da Daysi
Fonte: MARTINS, 2021

Boby e Pedrinho relataram o encantamento por desenhos. Os meninos, que já tinham apresentado os *flip books* que produziram com desenhos próprios, expuseram também seus desenhos de personagens da Marvel (imagens 12 e 13) em uma fotografia e na vídeogravação. E, em alguns momentos, quando tinham oportunidade, os dois meninos falavam do quanto gostavam de desenhar.



Imagens 12 e 13 - Desenhos dos gêmeos Bobby e Pedrinho
Fonte: MARTINS, 2021

O diálogo de Messi com sua mãe durante a vídeogravação relata um pouco das brincadeiras do menino:

Messi: (...) eu cansei de brincar de lego, cansei de brincar de carrinho, (...) eu tô com saudade de jogar bola

Mãe pergunta: muito ou pouca?

Messi responde: Muita.

Mãe: mas o que que você tá com saudade?

Messi: de jogar *vídeo game*

Mãe: ah, tem certeza?

Messi: não, mentira, não, mentira

Mãe: o que você tem feito muito?

Messi: jogar *vídeo game*, andar de bicicleta, subir em árvore, tô adorando a natureza.

Mãe: e, outra coisa, o que mais você tá com saudade?

Messi: isso, andar.

Mãe: mas o que que você falou comigo? Esqueceu?

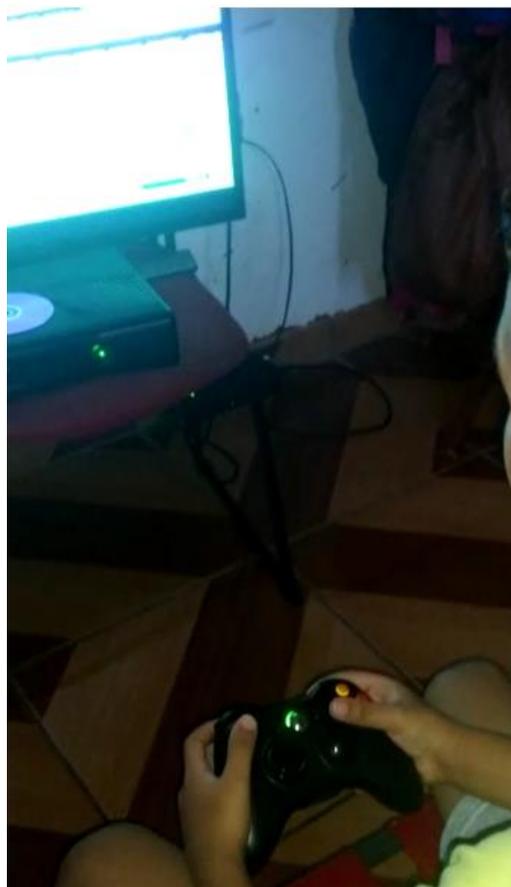
Messi: fala, mãe

Mãe: não lembro, também.

Messi: jogar basquete e soltar pum (os dois riem).

(Dados da pesquisa, *WhatsApp*, 14 de junho de 2020).

Rodrigo e Messi falaram de jogar bola. Enquanto Messi falou da saudade de jogar bola, Rodrigo encaminhou uma vídeogravação jogando bola sozinho na varanda de sua casa (Imagens 13 e 15). A imagem foi retirada da vídeogravação, onde o menino conta a quantidade de embaixadinhas que consegue fazer com a bola.



Imagens 14 e 15 - Rodrigo jogando bola e Rodrigo jogando *videogame* em casa
Fonte: MARTINS, 2021

Todas as crianças, com exceção de Daysi, falaram que brincaram em jogos de computador e/ou *vídeo games*. A exposição por muito tempo em telas é uma temática que merece atenção, principalmente em contexto que cresce o uso dos aparelhos eletrônicos.



Imagem 16 – Tales jogando pelo computador
Fonte: MARTINS, 2021



Imagem 17: Pedrinho jogando pelo computador
Fonte: MARTINS, 2021

Ressignificar os espaços de casa e procurar estratégias para sobreviver aos dias de distanciamento social foi uma realidade. As crianças brincaram muito nas suas casas, mas, chegou um momento que o repertório de brincadeiras se esgotou. O emparedamento²⁴ em casa também foi cansativo e entediante e as crianças relataram a questão quando perguntadas o que estavam fazendo em casa. Bobby

²⁴ Emparedamento foi um termo utilizado por Tiriba (2017). A autora designa esta expressão a condição que crianças estão submetidas em instituições educativas que atendem em horário integral e as rotinas que são realizadas dentro de um espaço fechado a outro espaço fechado. Faço uma apropriação do termo para a condição de emparedamento em condição da circulação do coronavírus.

disse: “*Algumas vezes eu não tenho muita coisa pra fazer*” (Contato por *WhatsApp*, 02 de junho de 2020). Alice e Ana também se referiram ao tema da falta do que fazer, Alice: “*Cansada de ficar imaginando com o que brincar, já brincamos de tudo*” e Ana: “*Não tô tendo mais brincadeira pra brincar*”. (Contato por *Zoom*, 02 de junho de 2020).

Além do tédio e falta de brincadeiras em decorrência do emparedamento as crianças também demonstraram o desejo de voltar à antiga rotina. Rodrigo disse: “*Saudade de ficar na rua até não sei que horas*”. No mesmo encontro Alice relatou: “*Saudade de andar de bicicleta, de ser livre*”, e Ana complementou “*Fico imaginando quando vou ser livre de novo*” (Contato por *Zoom*, 02 de junho de 2020). A liberdade foi um aspecto que ficou marcado na história dos sujeitos que vivenciaram a pandemia do novo coronavírus. As imagens 18 e 19 foram enviadas pelas crianças, marcando a saudade da praia e de andar de bicicleta como atividades de liberdade. Franco & Soares (2020) destacam que a fala de saudade durante a pandemia configura-se como um pedido velado para voltar à rotina anterior ao contexto de pandemia.

A experiência da pandemia nas narrativas das crianças mencionadas se apresenta como cansativa, desgastante e sem ideias de brincadeiras. As crianças queriam outras experiências para além daquelas que as paredes de casa poderiam oferecer.



Imagem 18: Bobby e Pedrinho na praia
Fonte: MARTINS, 2021



Imagem 19: Ana andando de bicicleta

4.3.4

E a escola? “Pelo computador eu tô tendo aula”

Durante o período pandêmico as aulas presenciais foram suspensas e houve a implementação da educação remota como medida emergencial. As crianças já não tinham mais o contato com seus pares e professores, que é fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem. Neste item pretende-se trazer uma breve discussão sobre o formato remoto emergencial, implementado durante o contexto de pandemia, a partir do pouco que as crianças investigadas falaram durante a realização deste estudo.

Cabe esclarecer que ouvir as crianças sobre a escola não se apresentou como intenção inicial desta pesquisa. Ao pré-estabelecer os temas a serem discutidos na metodologia, o objetivo foi perguntar sobre aspectos da vida durante o período de pandemia e, como hipótese, imaginei que as crianças falariam da escola mesmo sem ser perguntado. No entanto, as crianças falaram pouco da escola, e somente

quando o assunto foi abordado. Ao perceber que este tema não aparecia nas respostas das crianças, considerei um equívoco na elaboração do roteiro da pesquisa. A escola deveria ter sido incluída como temática, tendo em vista que é um lugar de socialização, troca, brincadeira e espaço de encontro da cultura de pares, todas as crianças investigadas frequentavam a escola e, no momento de distanciamento social, as atividades escolares passaram para o modelo remoto, acontecendo por meio de tela de computadores e celulares ou não aconteceram para crianças que não tem acesso aos dispositivos.

Ao perceber que a opção por não abordar o tema da escola no roteiro representava um equívoco, buscou-se aproveitar o último contato com as crianças, realizado por meio de uma ligação ao vivo no *WhatsApp*, para perguntar sobre a escola.

Valeria: (...) E como é que tá aí na casa de vocês? Vocês estão bem? Tá tendo aula?

Boby: eu tô tendo, por computador. Pelo computador eu tô tendo aula.

Valeria: você tá gostando?

Valeria: você tá gostando ou não?

Boby: eu tô sim.

Valeria: ah, então tá bom.

Mãe do Boby: fala que não é bem aula, são encontros

Boby: encontro, encontro, encontro pra se ver, não é bem aula.

Mãe do Boby: não é bem aula com conteúdo.

Valeria: mas aí você vê seus colegas da turma e a professora?

Boby: sim.

(Contato por *WhatsApp*, 23 de julho de 2020)

Perguntar se está gostando ou não está gostando da escola é uma pergunta que oferece poucos dados para pensar a questão, mas a mãe do Boby contribuiu para responder sobre a temática. A mãe do menino ressalta que não são aulas, são encontros, “*encontro pra se ver*” nas palavras de Boby. No período de pandemia foi possível verificar instituições escolares transferindo o modelo de aulas presenciais para aulas remotas. Ou seja, a instituição educacional tinha como intenção que a criança assistisse as aulas gravadas pelos professores em frente a tela de computador ou celular durante todo o período da manhã ou da tarde, assim como as crianças sentam-se em cadeiras escolares para assistir ao professor transmitir determinado conteúdo escolar. A exposição de crianças durante horas seguidas a conteúdos escolares por tela ou presencialmente não é um problema novo e não se deu com a chegada do novo coronavírus. O modelo de escola que não contempla o corpo, as brincadeiras, os desejos das crianças e busca privilegiar

o ensino de conteúdos por meio de telas ou presencialmente perpassa a concepção de escola e educação, e precisa ser questionada: qual sentido de uma educação que tem como eixo principal os conteúdos? Este formato de educação faz sentido para a aprendizagem da criança?

Ressalta-se ainda que, até mesmo propostas educacionais presenciais que respeitam a infância, o corpo e tem como privilégio a brincadeira, a literatura e as artes de modo geral, tiveram que se reinventar no contexto pandêmico para não ferir os princípios que regem uma educação significativa. Neste sentido, Ortega & Rocha (2020) destacam que a modalidade remota é antagônica a realidade presencial de educação, e é preciso que os docentes compreendam a necessidade de uma adaptação estrutural das aulas, para atender as demandas formativas das crianças.

Na mesma ligação mencionada acima com Bobby, participou o irmão Pedrinho. Os gêmeos estudam em escolas diferentes e ao contrário de Bobby, Pedrinho não tinha encontros e nem aulas pelo computador. O mesmo Pedrinho ao ser solicitado que enviasse uma foto de um lugar de saudade, encaminhou uma foto de uma atividade realizada na escola, com uniforme escolar da prefeitura do Rio de Janeiro (imagem 20). O menino não comentou sobre o registro fotográfico, que pode vir a representar ausência da escola da vida de Pedrinho durante a pandemia. Ortega & Rocha (2020) abordam o ensino remoto pode oferecer algumas possibilidades para famílias com boas condições, mas que, por outro lado, os estudantes de escolas públicas estão sem aula e sem acesso aos estudos. Para as autoras é possível repensar práticas que promovam experiências capazes de ampliar os conhecimentos dos meninos e meninas, para esse processo acontecer, é necessário que o professor se aproxime dos estudantes (ORTEGA; ROCHA, 2020, p. 311). Destaco também que, para que o processo aconteça é preciso que as crianças tenham acesso. Como garantir educação remotas para crianças que não possuem dispositivos tecnológicos? Ou, se possuem computadores e celulares, não possuem conexão estável a internet.



Imagem 20: Pedrinho na escola
Fonte: MARTINS, 2021

Daysi marcou a escola como um lugar que sente saudade: “*Esse aqui eu fiz porque eu tô triste porque eu não posso sair, ver meus amigos, ir pra escola, é, e não poder brincar nos lugares que eu gosto.*” (Dados da pesquisa, *WhatsApp*, 02 de junho de 2020). Ressalta-se novamente como é emblemático a escola não ter aparecido nas narrativas das crianças investigadas e nos desenhos. A fala de saudade de Daysi marca a ausência dos espaços e das interações proporcionadas pela escola.

A complexidade de aulas pelo computador envolve diversas temáticas do ensino e da aprendizagem das crianças: o tempo de exposição em telas, a

avaliação, o que “ensinar”, a distração, a relação de mães e pais com professoras e professores, a falta de equipamento tecnológico e/ou internet para acessar as aulas, carga de horários das mães e pais para acompanhar nas tarefas escolares. O novo coronavírus afetou profundamente o setor da educação para pensar mudanças estruturais.

4.3.5

“*Eu tô com saudades da vovó*”

Que lugares ou pessoas as crianças sentiram saudades durante o distanciamento social? As crianças relataram que sentiram saudades de lugares que faziam parte da vida corriqueira antes da chegada do novo coronavírus: da praia, de amigos, da escola, de sair na rua, alguns já mencionados neste capítulo 4. Mas, existe uma saudade específica que é fundamental abordar com ênfase. Pedrinho expõe esta saudade quando é perguntado: “*eu tô com muita saudade lá da casa da minha avó, lá tem piscina, tem cachorro, aqui também (...) e eu tô com saudade da vovó, praia e também alguns lugares, papai tá ali. E também eu queria mostrar mais livrinhos.* (Contato por *WhatsApp*, 06 de junho de 2020). Ana, que estava junto da irmã Alice também expõe esta saudade: “*a gente também tá com saudade da nossa vó*” (Contato por *Zoom*, 02 de junho de 2020).

Estar com saudade da avó passa por um tema central que envolve o novo coronavírus. O Sars-CoV-2 afeta com mais letalidade os idosos, que são os principais atingidos pela doença e fazem parte do grupo de risco. A recomendação da OMS e de especialistas em infectologia é o distanciamento social, e assim o encontro de gerações – crianças e idosos – estava interrompido.

Kramer et al. (2020), no estudo sobre a relação de cuidado em escolas, destacam que as crianças relatam as avós como pessoas que cuidam.

Narrativas de avós e netos revelam esse cuidado intergeracional de doação, proteção, presença e inteireza. O cuidado que gera reconhecimento no outro fortalece o vínculo pela necessidade da rede de apoio familiar. Nem todas as crianças têm avós vivos ou próximos, mas esse cuidado é citado pelas entrevistadas como especial. (KRAMER et al., 2020, p. 11).

As crianças estudadas pelas autoras apresentam as avós como pessoas que cuidam. Do mesmo modo, as crianças do presente estudo cuidam das avós. O

distanciamento de avôs e avós era mais que estar com saudade e significa mais que estar longe dos idosos. Envolve também o medo, a preocupação e o cuidado com a vida das pessoas de mais idade.

Ao final da produção de dados soube pela mãe de Pedrinho e Bobby – irmãos gêmeos - que a avó dos meninos gêmeos havia falecido. Após esta informação, a ética do cuidado foi ainda mais necessária. As crianças ainda não sabiam do falecimento da avó e não pudemos conversar sobre este assunto. Deste modo, não sei se Pedrinho falava da saudade da mesma avó que faleceu. O que é fundamental deixar registrado é o menino estar com saudade da avó, não poder vê-la e em seguida uma de suas avós tem a vida interrompida. Pedrinho não pôde se despedir de sua avó, assim como milhares de crianças brasileiras. Importante não perder de vista neste trabalho que, apesar das crianças serem incríveis, e com elas e por causa delas foi possível a realização desta investigação, mas durante a pandemia e nesta dissertação o tema que perpassa é a interrupção da vida: a morte.

Ao retomar o conceito de experiência traçado por Benjamin (1987) na obra “*Experiência e Pobreza*” é possível traçar reflexões. Para o autor o idoso é o guardião da experiência e da tradição, a experiência é sabedoria de vida que é comunicada aos mais jovens ou a revigorar a tradição (PEREIRA; JOBIM E SOUZA, 1998). Em relação as pessoas de mais idade, a pandemia foi marcada como experiência de saudade, de distanciar-se dos mais velhos como um sinal de cuidado, da ausência do contar e recontar histórias característico de crianças e idosos e do luto pela vida dos guardiões da tradição.

4.3.6

Como o coronavírus vai acabar? “Vacina”

O contexto adverso da pandemia do novo coronavírus é trágico, complexo e incômodo. Mas, assim como outros contextos históricos e caóticos na história da humanidade, em algum momento a pandemia vai acabar.

O último contato realizado com Bobby e Pedrinho, gêmeos que perderam a avó, conforme mencionado no item 4.3.5, foi perguntar sobre o fim do coronavírus. Os meninos relataram não saber como será o fim da pandemia:

Valeria: então, eu queria só saber como é que vocês acham que vai acabar o coronavírus? Já pensaram nisso?

Pedrinho: não. Provavelmente não.
 Valeria: provavelmente não o que? Não vai acabar?
 Bobby: eu não sei como vai acabar.
 Valeria: mas como vocês achariam que vai acabar?
 Pedrinho: um meteoro?
 Bobby: não, não, não.
 Valeria: um meteoro? E ri.
 Mãe dos meninos: pensa um jeito.
 Bobby: eu não quero ser extinto não.
 Pedrinho: não, nem eu.
 Valeria: eu também não quero não, eu quero viver muito ainda.
 Pedrinho: eu tô pensando numa coisa mas não é. Nem quero contar o que eu tô pensando.
 Valeria: é uma viagem muito grande o que você tá pensando? Se não tiver resposta também não tem problema. Se vocês não souberem também não tem problema nenhum.
 Bobby: eu não sei, não vou saber, vou saber quando acabar.
 Valeria: tá bom então.
 Pedrinho: com os médicos?
 Valeria: pode ser com os médicos.
 Bobby: como assim com os médicos? com o que? com a mão? Com um tapa?
 (Os dois riem)
 Bobby: ué, é verdade
 Valeria: vai matar o coronavírus tipo mata uma formiga?
 Bobby: é, mosquito, que você vai lá e bate palma, em cima dele assim. Só posso pegar o coronavírus aqui (bate a palma da mão na outra) e bater nele.
 Valeria: é, pode ser né?
 Bobby: é desculpa, não sei.
 (Contato por ligação no *WhatsApp*, 23 de julho de 2020).

Daysi respondeu com referência às aglomerações que foram identificadas por todo o país, desrespeitando as recomendações. Ao perguntar: “*Como você acha que o coronavírus vai acabar?*”, Daysi respondeu: “*que as pessoas vão se tocar que tá tendo um vírus e aí elas vão parar de sair, parar de se aglomerar e aí o vírus vai acabar e a gente vai poder sair*” (Contato por ligação no *WhatsApp*, 24 de julho de 2020). Especificamente na cidade do Rio de Janeiro, o distanciamento social foi pouco respeitado, até mesmo nos primeiros meses de pandemia. Com as medidas de flexibilização e abertura de estabelecimentos não essenciais, as pessoas chegaram a acreditar no fim da pandemia e sair na rua mesmo sem necessidade. Daysi, que ainda vivia os meses iniciais da crise sanitária, estava atenta ao desrespeito à vida durante a pandemia.

Messi respondeu à pergunta de um modo direto: “*vacina*” (Contato por ligação no *WhatsApp*, 15 de julho de 2020). Para o menino o vírus acabaria com a chegada da vacina. Em dezembro de 2020, meses finais da escrita desta dissertação, a vacinação em massa já estava sendo aplicada em alguns países, até

mesmo os países vizinhos da América Latina. O Brasil enfrentou dificuldades para iniciar a imunização. O presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, fez declarações de desconfiança em relação à eficácia das vacinas, em especial àquela oriunda da China. No dia 17 de dezembro de 2020 o presidente declarou: “a vacina, uma vez certificada pela ANVISA, vai ser extensiva a todos, que queiram tomá-la. Eu não vou tomar (...) nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré é problema de você”²⁵ (BOLSONARO, 2020). A declaração do presidente com referência à desconfiança da eficácia da vacina leva também à desconfiança de parte da população e à propagação de *fake news*. Cientistas de todo o mundo dedicaram-se à produção de vacinas eficazes em imunização ao vírus. Messi, menino de 7 anos, também apresentou confiança na vacina, e logo, na ciência para o fim da pandemia.

Nos dias finais de escrita desta dissertação, iniciava-se a vacinação no Brasil. No dia 17 de janeiro de 2021, Mônica Calazans, mulher, negra de 54 anos, enfermeira que atuou na linha de frente da COVID-19 foi vacinada no estado de São Paulo²⁶. Importante ressaltar que, mesmo com o início da vacinação o Brasil continuou a enfrentar alguns desafios em relação a imunização: a quantidade de doses da vacina que não contemplava nem mesmo o primeiro grupo prioritário (profissionais trabalhadores da área da saúde, indígenas e idosos com 60 anos ou mais), as relações conturbadas com países que produzem matéria prima para a produção da vacina, China e Índia, a ausência de um plano de vacinação com maiores esclarecimentos sobre a vacinação no país e a postura do presidente Jair Bolsonaro ao questionar a eficácia da vacina. No entanto, apesar dos contrapontos apontados, o início da vacinação apresentou um fio de esperança para a liberdade. A liberdade tão almejada por Ana, participante deste estudo, e por muitos brasileiros. “*Quero saber quando vou ser livre de novo*” aponta o cansaço de dias difíceis e o desejo para vacina para todos e todas as pessoas.

²⁵ Fonte: BOLSONARO, J. **Bolsonaro: “se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso”**. 2020. Vídeo (2min06seg). In: UOL. Dezembro de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>>. Acesso em: 30 de dez. de 2020.

²⁶ Fonte: BADDINI, Bruna. FERNANDES, Daniel. **Primeira pessoa é vacinada contra COVID-19 no Brasil**. **CNN Brasil**, 17 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/01/17/primeira-pessoa-e-vacinada-contra-covid-19-no-brasil>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

Considerações finais

A presente dissertação teve como objetivo principal conhecer o que dizem crianças de 7-10 anos sobre o contexto de pandemia e a experiência de viver o distanciamento social provocado pelo novo coronavírus. Como objetivos específicos foram traçados: produzir material por meio de plataformas virtuais *com* as crianças e mapear testemunhos das crianças sobre o contexto de pandemia. Para o desenvolvimento da pesquisa, fez-se uso da metodologia de bola de neve e a construção de uma metodologia de pesquisa *com* crianças mediada por plataformas virtuais. O diálogo entre a bibliografia sobre etnografia virtual e sobre os estudos da infância foi fundamental para a construção da metodologia aplicada neste estudo. O recurso adotado contou com sete etapas de sensibilização e contato com as crianças, que abordou perguntas e propostas de atividades, como desenhos, fotografias e videogravações. A produção de dados com as crianças foi feita com o afeto e a ética do cuidado como eixos que perpassaram todo o estudo.

Destaca-se ainda a pandemia do COVID-19 como o causador do presente estudo no formato virtual. Foi preciso reconhecer a necessidade de pesquisar *com* criança em um momento assolador para o Brasil e para o mundo e encontrar nos ambientes virtuais o caminho para a troca de experiências sobre o distanciamento social, e logo, para a realização da pesquisa. Espera-se que este estudo contribua a partir das reflexões da experiência imposta pela pandemia, não apenas como memória de um momento da história da humanidade – o contexto de pandemia da COVID-19 – pela narrativa das crianças, mas também que se possa ressaltar o compromisso com a percepção das crianças sobre o mundo para a construção de uma sociedade mais justa, reconhecendo as crianças como sujeitos com necessidades, desejos e direito de serem ouvidas.

Com a produção deste trabalho no contexto de pandemia e com a utilização de plataformas virtuais, é possível destacar algumas considerações. Foi viável um novo formato de pesquisa *com* criança, buscando princípios de metodologias de pesquisa *com* criança realizadas presencialmente em consonância com a bibliografia de etnografia virtual. É fundamental destacar que a pesquisa realizada presencialmente e a pesquisa realizada por plataformas virtuais são distintas pela

própria forma de investigar. O encontro realizado por tela não substitui e tampouco se compara a um encontro realizado fisicamente. Há limitações na pesquisa por meio de plataformas virtuais, mas existem também potencialidade que são distintas de pesquisas presenciais. Este formato de pesquisa possibilitou o desenvolvimento de estratégias adequadas para estabelecer relação com as crianças no contexto de emparedamento. A qualidade da troca e relação com as crianças são questões a serem refletidas. Variáveis da presença de estar junto, mover o corpo, o olhar, se sentir à vontade ao olhar para o outro..., dificilmente será transportada para a tela de dispositivos. As situações que as crianças não falam com palavras, mas com o corpo, com o olhar, com os gestos, não é possível captar no formato de pesquisa virtual. Produzir pesquisa por meio de plataformas virtuais com as crianças é uma postura constante, intensa e atenta de perguntas e respostas.

As plataformas – *Zoom* e *WhatsApp* – apresentaram alguns desafios. O contato via *Zoom* necessita de conexão estável à internet e, em vários momentos, algumas crianças não conseguiram participar do encontro pela lentidão da conexão. Por outro lado, foi também possível obter contato imediato com a criança e alcançar de modo mais fácil a espontaneidade da criança. Além disso, o *Zoom* necessita de um encontro agendado e marcado previamente, o que para algumas famílias se tornava um desafio e pouco era possível conciliar com a rotina domiciliar. Já o *WhatsApp* oferecia encontros assíncronos, pouco sei de como foram construídos os vídeos no ambiente familiar. Mas o *WhatsApp* se adaptou melhor à rotina das mães e das crianças. Desse modo, parte do material produzido teve o *WhatsApp* como plataforma mais utilizada, apesar de algumas limitações para analisar as condições de produção das vídeograções e a realidade das vidas das crianças.

As crianças construíram explicações sobre o recorte da realidade do contexto de pandemia e apresentaram narrativas de experiências que queriam contar. A partir da relação estabelecida, verificou-se a busca por compreender o vírus, a preocupação com o contexto pandêmico, as brincadeiras possíveis, assim como a falta de brincadeiras, e os relatos de saudade – de pessoas, especialmente das avós, lugares e da liberdade - como pontos mais destacados pelas crianças.

Ressalta-se um ponto positivo e pontos a serem melhorados na metodologia com crianças mediada por plataformas virtual. Como ponto positivo, a evidência

da possibilidade de diálogo por meio deste recurso, mesmo em tempos adversos. Como pontos a serem melhorados: ajustar a metodologia, rever o tempo de duração e as perguntas feitas às crianças. O acesso universal à tecnologia no Brasil é uma falácia e, portanto, pesquisas nesse formato inviabilizam a escuta de quem mais precisa ser ouvido, assim como a idade das crianças é um limitador, excluindo também crianças menores da participação. E principalmente, nenhuma plataforma ou metodologia substitui a relação humana que acontece presencialmente.

Os questionamentos sobre crianças, pandemia e relações com plataformas digitais não foram encerradas. Com este trabalho foi possível identificar modos de construção de significado sobre os primeiros meses da pandemia pelas crianças. Mas, é preciso estar atento ao virtual como possibilidade de mercado e lucro que se busca domesticação e a digitalização das relações. A presente dissertação foi realizada em um momento emergencial e o virtual foi a possibilidade de relação que se apresentou nas circunstâncias da pandemia. É preciso atenção às relações que são construídas com mediação de computadores, celulares e telas de modo geral. Humanos se constroem na relação com outros humanos, no espaço social. As relações construídas com a mediação de tela são potentes, mas a relação construída presencialmente é insubstituível. Investigar as relações construídas pelas crianças com aparelhos tecnológicos a partir do contexto de pandemia pode se configurar como uma importante temática de pesquisa. Assim como é pertinente pensar na relação com os espaços de educação formal e não formal e com as outras pessoas no pós-pandemia: como serão as relações de crianças com seus pares nas instituições de educação no pós-pandemia? Como será a relação de crianças e avós no pós-pandemia? E as crianças que perderam entes queridos para a COVID-19, como lidaram com o luto? Ressalta-se ainda a importância de ouvir as crianças sobre a experiência do pós-pandemia.

Por fim, destaca-se que os dados produzidos com as crianças não são a realidade de suas vidas, mas um recorte, um ponto de vista sobre os primeiros meses de pandemia. O recorte que representa acreditar no potencial das crianças para narrar os dias de distanciamento social como caminho para produção da pesquisa científica.

Para finalizar, retomo a canção *Paciência* de Lenine, utilizada na epígrafe da introdução desta dissertação, para falar sobre a necessidade de pa(ciência) no

momento de pandemia e sobre a raridade da vida. A cura do mal da pandemia está próxima com a chegada da vacina. A vacinação no Brasil se iniciou nos dias finais de escrita deste texto. E, graças a ciência foi possível chegar à produção de vacinas eficazes. Mas, no momento presente, além de ressaltar a importância da ciência em um contexto que o presidente da república nega a sua eficácia é preciso também paciência. Ainda não há vacina para todos. Por isso é preciso continuar respeitando as medidas de distanciamento social, evitando aglomerações, utilizando de máscara de proteção de boca e nariz e com o uso de álcool em gel em respeito a vida, que é tão rara. Com paciência e ciência é preciso esperar-se que a liberdade está por vir e a vacina chegará para todos.

Referências bibliográficas

ALCOBIA, I.; CLARO, C.; ESTEVES, M. L. O olhar das crianças/adolescentes sobre a pandemia Covid-19 e a psicologia. **Revista INFAD de Psicologia. International Journal of Developmental and Educational Psychology.**, v. 2, n. 1, p. 249-256, 2020. Disponível em: <http://www.infad.eu/RevistaINFAD/OJS/index.php/IJODAEP/article/view/1841> Acesso em: 11 de dez. de 2020.

AMARAL, A. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 11, n. 1, p. 14-24, jan./abr., 2009. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5037>. Acesso em: 23 set. 2020.

ANDRADE, C. D. **Alguma poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:___ **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. 3º ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1987, p. 197-221.

_____. Experiência e pobreza. In:___ **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. 3º ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1987, p. 114-119.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é COVID-19?**. 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 15 de outubro de 2020.

CASTRO, L. G. **Espaços, práticas e interações: o que dizem as crianças**. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Departamento de Educação, 2015.

CORSARO, W. Entrada no campo, aceitação e natureza na participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, maio/ago. de 2005, p. 443-464.

_____. **Sociologia da Infância**. Consultoria, supervisão e revisão técnica de Maria Letícia B. P. Nascimento; tradução de Lia Gabriele Regius Reis. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERNANDES, F. As “trocinhas” do Bom Retiro: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. **Pro-Pós**, Campinas, v.15, n.1 (43), p. 229-249, jan./abr. 2004.

FERREIRA, M. “Branco demais” ou... reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (Orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 143-162.

FIOCRUZ. Por que a doença causada pelo novo vírus recebeu o nome de Covid-19? **FIOCRUZ**. 17 mar. 2020. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

_____. Quais são as pessoas consideradas como grupo de risco? **FIOCRUZ**. 27 mar. 2020. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pergunta/quais-sao-pessoas-consideradas-como-grupo-de-risco>>. Acesso em 04 jan. 2020.

FRANCO, N. H. R.; SOARES, M. P. F. “Um jeito negro de Ser e Viver”: (re) inventando a vida no contexto da pandemia da covid-19 – o que dizem as crianças negras e suas mães. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1229-1254, dez./dez., 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/78491/45040>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

GARCEZ, A.; DUARTE, R.; EISENBERG, Z. Produção e análise de videogravações em pesquisas qualitativas. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 2, p. 249-261, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022011000200003&script=sci_arttext&tIng=pt> Acesso em: 31 de julho de 2020.

JUNIOR, D. R. D. C. Etnografia virtual e as contribuições de Mikhail Bakhtin na pesquisa *com* internautas. **Revista Teias**, [S.l.], v. 14, n. 31, p. 12 pgs., abr. 2013. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24330>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

JOROSKY, N. H.; DE BARROS, F. C. O. M. Covid-19 na voz das crianças: impactos e desafios. **Revista ClimaCom**, ano 7, nº 18, 2020. Disponível em: <<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2020/09/ARTIGO-5-Covid-19-na-voz-das-crian--as.pdf>> Acesso em 15 de dez. de 2020.

KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.116, julho de 2002, p.42-59.

_____. Des/acertos, silêncios e conflitos éticos: O que você faz com os resultados da sua pesquisa? In: KRAMER, S.; PENA, A.; TOLEDO, M. L.;

BARBOSA, S. N. (orgs.). **Ética: pesquisa e práticas com crianças: educação infantil**. 1.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2019, p. 235-254.

_____; NUNES, M. F. R.; PENA, A. Crianças, ética do cuidado e direitos: a propósito do Estatuto da Criança e do Adolescente. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, e237202, 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022020000100405&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 jan. 2021

LACERDA, A.; RAMALHO, L. **Guia de Pesquisa na quarentena: obstáculos e possibilidades para as ciências humanas e sociais em isolamento social**. Rio de Janeiro: PUC, Instituto de Relações Internacionais, 2020, 28 p. (E-book).

MARTINS, V.; CARVALHO, C. A pesquisa virtual com/sobre criança no contexto de pandemia. In, Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 14., 2020, São Cristóvão/SE, **Resumos expandidos...** São Cristóvão: UFS, 2020, p. 2-6. Disponível em: <<http://educonse.com.br/xivcoloquio/resumos/>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

MEINERZ, A. **Concepção de experiência em Walter Benjamin**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

MERCADO, L. P. Pesquisa Qualitativa Online Utilizando a Etnografia Virtual. **Revista Teias**, [S.l.], v. 13, n. 30, p. 15 pgs., dez. 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24276/17255>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <<http://pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/fetch/60815562/Analise%20de%20conte%C3%BAdo.pdf>>. Acesso em: 28 de novembro de 2019.

NASCIMENTO, C. P.; ARAUJO, E. S.; MIGUEIS, M. D. R. O jogo como atividade: contribuições da teoria histórico-cultural. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRapee)**, v. 13, n.2, jul./dez. de 2009, p. 293-302.

NOAL, M. L.; SILVA, D. Crianças pequenas terena: reencontros ancestrais em tempos de pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1332-1363, dez./dez., 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/78055/45044>>. Acesso em: 05 jan. 2020.

ORTEGA, L. M. R.; ROCHA, V. F. O dia depois de amanhã – na realidade e nas mentes – o que esperar da escola pós-pandemia? **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 302-314, 2020.

PEREIRA, R. R. Por uma ética da Responsividade: exposição de princípios para a pesquisa com crianças. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 50-64, 2015.

_____; JOBIM E SOUZA, S. Infância, conhecimento e contemporaneidade. IN, KRAMER, S.; LEITE, M. I. F. P. (Orgs.) **Ir e produção cultural**. Campinas, SP: Papyrus, 1998, p. 25-42.

PINTO, M. A infância como construção social. In, PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Orgs.). **As crianças: Contextos e identidades**. Braga/Portugal: Bezerra Editora, 1999, p. 33-73.

PONTE, V.; NEVES, F. Vírus, telas e crianças: entrelaçamentos em época de pandemia. **Simbiótica. Revista Eletrônica**, v. 7, n. 1, p. 87-106, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/30984/20725> Acesso em: 11 de dez. de 2020.

PRESTE, Z. **Quando não é quase a mesma coisa: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil Repercussões no campo educacional**. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília - Faculdade de Educação, 2010.

_____; TUNES, E.; NASCIMENTO, R. Lev Semionovitch Vigotski: um estudo da vida e da obra do criador da psicologia histórico-cultural. In, LONGAREZI, A. M.; PUENTES, R. V. (Orgs.) **Ensino desenvolvimental: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos**. Uberlândia, EDUFU, 2013, p. 47-65.

SANTOS, A. B. Retratos da pandemia no bairro da Levada: infância e crise em um “bairro de periferia”. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1465-1477, dez./dez., 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosseis/article/view/78238/45051>>. Acesso em: 05 jan. 2020.

SANTOS, S. E. D.; SARAIVA, M. R. D. O. O ano que não tem fim: as crianças e suas infâncias em tempos de pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1177-1187, dez./dez., 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosseis/article/view/78765/45035>> Acesso em: 16 jan. 2020.

SARMENTO, M. J. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. In SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. D. (orgs.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis. Vozes, 2008, p. 17-39.

_____. As Culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J. CERISARA, A. B. (Orgs.). **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004, p. 1-15.

SCHLINDWEIN, L. M.; TRINDADE, P. D. S.; LEAL, G. K. S. Infância e pandemia: conhecimento nas ondas do rádio em Parintins/AM. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 26, p. 1-18, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/33999>> Acesso em 18 de dez. de 2020.

SERRÃO, B.; TREVISAN, G.; SARMENTO, M. J. Crianças Digital Influencers no combate à pandemia do COVID-19. **Sociedad e Infancias**, v. 4, p. 211-214, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/SOCI/article/view/69656/45644565540>> Acesso em: 11 de dez. de 2020.

TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria**. Laplage em Revista (Sorocaba), vol.3, n.1, jan.-abr. 2017, p.72-86.

TULESKI, S. C. Para ler Vygotski: recuperando a historicidade perdida. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 23., 2000, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2000.

VIGOTSKI, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In, **A formação social da mente**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 61-70.

_____. **Imaginação e criatividade na infância**. Comentários de Ana Luiza Smolka; tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014. P. 201-218.

Anexos



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
Responsáveis

Prezado/a responsável,
Convidamos seu/sua filho/a para participar voluntariamente da pesquisa apresentada a seguir:

Pesquisa: O que dizem as crianças sobre o isolamento social causado pelo COVID-19

Pesquisadores:

Mestrando: Francisca Valeria Martins Cunha
(valeriacunha1996@gmail.com; Tel. (21) 980769520)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Carvalho
(cristinacarvalho@puc-rio.br; Tel. (21) 3527-1815)

Justificativas:

O isolamento social causado pelo novo coronavírus tem modificado a maneira de viver das pessoas. As crianças estão inseridas neste contexto de pandemia. Esta constatação provoca a necessidade de um estudo que busque compreender a visão das crianças sobre a experiência de viver o isolamento social.

Objetivos:

Este trabalho busca refletir sobre a visão das crianças, mais especificamente crianças de sete a dez anos, sobre viver o isolamento social.

Metodologia:

A participação da criança na pesquisa ocorrerá por interação a partir da plataforma virtual que melhor atende à família (WhatsApp, Messenger, Skype, entre outras possibilidades). Será proposto brincadeiras, produção de desenhos e conversas em sete etapas com temáticas que envolvem o contexto de pandemia. Será realizado a partir de vídeo gravação, com estimativa de duração de 20 minutos cada atividade.

Período de armazenamento dos dados coletados: os registros das informações coletadas na pesquisa serão armazenados nos arquivos da mestranda por um período 5 (cinco) anos.

Desconfortos e Riscos possíveis: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à dignidade. No entanto, caso seu/sua filho/a fique de alguma forma desconfortável, constrangido ou desinteressado com as atividades propostas, por não saber, por exemplo, responder a alguma pergunta, conversaremos com ele sobre o ocorrido, sobre como ele se sente e falaremos um pouco mais sobre a pesquisa, até que ele se sinta realmente acolhido e confortável. O contato com o/a responsável será constante, para evitar ou minimizar possíveis desconfortos. Além disso, deixaremos claro que será permitido a sua desistência, sem nenhuma consequência.

Benefícios: ao participar desta pesquisa, a criança poderá estabelecer contato com a pesquisadora, proporcionando momentos de brincadeira e ludicidade. Além disso, esperamos que este estudo contribua com as investigações sobre o contexto de pandemia e pesquisas *com* crianças.

Confidencialidade: as informações coletadas nesta pesquisa serão estritamente confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, utilizando o nome fictício escolhido pelos voluntários, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. As fotografias não revelarão o rosto das crianças, garantindo a proteção da imagem.

Financiamento da pesquisa: esta pesquisa possui financiamento Capes.

Eu,

___, de maneira voluntária, livre e esclarecida, AUTORIZO a participação do/da meu/minha filho/a _____ na pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado/a de que se trata de pesquisa de mestrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que a participação do/da meu/minha filho/a é isenta de despesas, assim como não há compensação financeira vinculada a sua participação. Estou de acordo com o áudio-gravação, fotografias e desenhos a serem cedidos para fins de registros acadêmicos, e que a imagem e nome do/da meu/minha filho/a não serão publicados sem minha prévia autorização. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a participação do/da meu/minha filho/a ou retirar meu consentimento, sem penalização alguma e sem nenhum prejuízo que me possa ser imputado.

Nome completo: _____

E-mail: _____

Tel. _____

Identificação (RG): _____ /Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2020.

Se você não tiver como imprimir e assinar este termo pode gravar um vídeo. Respondendo se permite que seu/sua filho/a participe da pesquisa, dizendo o seu nome, o nome da criança, bairro da cidade que está, data da gravação e um telefone ou e-mail para contato.

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio – (CEPq/PUC-Rio)

Rua Marquês de São Vicente, 225 – Prédio Kennedy, 2º andar – Gávea – Rj – CEP: 22453-900

Telefone: (21) 3527-1618 E-mail: vrac@puc-rio.br

(assinatura do responsável da criança) **Francisca Valeria Martins**, mestranda.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
Crianças

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **O que dizem as crianças sobre o isolamento social causado pelo COVID-19**.

Seu responsável concordou com sua participação na pesquisa, mas, se não quiser, não tem nenhum problema – é um direito seu. E se quiser desistir, também não tem nenhum problema.

Queremos saber o que as crianças estão fazendo em casa nos dias de isolamento social.

A pesquisa será feita de maneira virtual, por meio de WhatsApp, Messenger, Skype, entre outras possibilidades que melhor atenda a você e sua família. Vou mandar um vídeo para você e você vai me responder com outro vídeo. Vou propor algumas atividades, como brincadeiras, a produção de desenhos e que você grave vídeos. Para a realização dessas atividades usaremos um celular. Se algo acontecer, você pode entrar em contato pelo meu telefone (21) 98076-9520.

Com a sua ajuda, a pesquisa apresentará informações importantes, como conhecer o que as crianças estão fazendo em casa nos dias de isolamento social.

Você não precisa dizer seu nome, pode escolher aquele que desejar, não falaremos a outras pessoas e nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Se você tiver alguma dúvida pode me perguntar.

Eu _____ aceito participar da pesquisa **O que dizem as crianças sobre o isolamento social causado pelo COVID-19**, que tem o objetivo de conhecer o que um grupo de dez crianças, de 7-10 anos, diz sobre o contexto de pandemia e a experiência de viver o isolamento social provocado pelo novo coronavírus. Entendi as coisas as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar aborrecido. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio – (CEPq/PUC-Rio)

Rua Marquês de São Vicente, 225 – Prédio Kennedy, 2º andar – Gávea – Rj – CEP:
22453-900

Telefone: (21) 3527-1618 E-mail: vrac@puc-rio.br

Se você não tiver como imprimir e assinar este termo pode gravar um vídeo.
Respondendo se aceita ou não participar da pesquisa, dizendo o seu nome, o bairro
da cidade que está e a data da gravação.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20__.

(assinatura da criança)

Francisca Valeria Martins, mestranda.